

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA/NOTURNO

Raphael Molero Carriconde

**PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS DA PAISAGEM
NA VILA DO IAPI**

Porto Alegre, Janeiro de 2018

Raphael Molero Carriconde

**PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS DA PAISAGEM
NA VILA DO IAPI**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Cláudia Luísa Zeferino Pires

Porto Alegre, Janeiro de 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Inserir aqui a ficha gerada a partir do Sistema de Geração Automática de Fichas
Catalográficas, disponível no endereço

<http://www.ufrgs.br/bibliotecas/ferramentas-de-producao/ficha-catalografica>.

Raphael Molero Carriconde

**PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS DA PAISAGEM
NA VILA DO IAPI**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em: 10 de Janeiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Rego - UFRGS

Me. André Lapolli - UFRGS

Prof.^a. Dr.^a Cláudia Luísa Zeferino Pires (orientadora) - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sou muito agradecido aos meus pais, Jairo e Mônica Carriconde, e a minha irmã Fernanda, que tiveram a paciência, o amor, o carinho e o discernimento necessário para entender todas as minhas dificuldades, frustrações, e compreender o meu distanciamento nesses últimos meses. Mas também agradeço a eles por estarem sempre ao meu lado, nas derrotas, para me reerguer, e nas vitórias, para juntos exaltar. A eles, todo meu amor e gratidão. Vocês são meus exemplos e me deram a educação necessária para que isso pudesse se tornar realidade!

No podría dejar de decir “Muchas Gracias”, para dos personas que me hicieron quien soy y que con el corazón más grande del mundo me llevaron a estar donde estoy, y que eso ya está en la piel: “Gracias, Abuelos” Ana Maria y Manuel, yo los quiero mucho!

Um agradecimento especial a Luciana Torrescasana, que entrou no meio desse turbilhão todo de emoções, assumiu o controle e entendeu os momentos mais tensos pelos quais passei, além de me suportar emocionalmente nos momentos mais difíceis e me apoiar quando eu mesmo não acreditava.

Agradeço imensamente aquelas pessoas que nunca se negaram a me estender a mão e para me acolher nos meus dramas do Trabalho de Conclusão de Curso: Andrea Lemos (Deinha), Amanda Bahi de Souza (Amandica) por me fazer sentir geógrafo a cada conversa e a cada cerveja compartilhada; Mariângela Torrescasana, Fernando Webber e Jeison Schmitz (Teló) por todo suporte técnico de vocês e que está contido nesse trabalho; e à Ana Paula Preto, por ter visto toda essa trajetória iniciar, ainda nos tempos de cursinho, e agora estava ali, pronta pra me ajudar no final da caminhada.

Agradeço a minha orientadora Cláudia Pires por me indicar os caminhos, pelos “puxões de orelha”, e por me fazer entender que a paisagem também pode ser vista de outras maneiras.

Meu “muito obrigado” aos meus entrevistados (as) que disponibilizaram um pouco do seu tempo para dividir comigo suas lindas memórias e histórias que enriquecem ainda mais essa pesquisa.

Agradeço a todos meus amigos e colegas que estiveram do meu lado e que diziam: “calma Rapha, já ta acabando!”, e nunca deixaram minhas forças se esgotarem.

Para todos esses, com muito carinho, meu muito obrigado!

RESUMO

Porto Alegre é uma cidade que aproveitou o momento de crescimento da industrialização para poder crescer também, criando instrumentos e mecanismos que deram mais qualidade de vida para sua população. A construção da Vila do IAPI, no bairro Passo D´Areia, além de trazer esses benefícios na pauta da moradia, saúde, educação e lazer, também trouxe outra identidade para a população operária que lá se instalou. Com isso, o objetivo desta monografia é discutir como o projeto de habitação da Vila do IAPI ajudou a construir o sentido de pertencimento a partir da paisagem. A construção teórica da pesquisa abarca os conceitos de *paisagem marca* e *paisagem matriz*, identidade, pertencimento, memória e cultura. Os dados utilizados para análise foram coletados através de entrevistas feitas com pessoas que tem ligação com o IAPI, buscando elementos que têm significação e que dão sentido de pertença. Essas entrevistas mostram um pouco da trajetória dessas pessoas com o IAPI. O resultado foi um mapa síntese dos apontamentos dos entrevistados através de mapas conceituais e a relação dos conceitos abordados na parte teórica deste trabalho.

Palavras-chave: Vila do IAPI. Paisagem. Identidade cultural. Geografia cultural. Porto Alegre.

ABSTRACT

Porto Alegre is a city that takes advantage of the increasing evolution of industrialization to be able to grow in order to create instruments and mechanisms that brought more quality of life to its population. The construction of the IAPI Village, in Passo D'Areia neighborhood brings these benefits to the housing, health, education and leisure as well as it brings another identity to the working class that is settled there. Thus, the objective of this monograph is to discuss how the housing project of the IAPI Village helps build the feeling of being part of the landscape. The theoretical reference of the research encompasses the concepts of landscape landmark and landscape matrix, identity, belonging, memory and culture. The data used for the analysis was collected through interviews with people who are connected to IAPI, by looking for elements that have meaning and that sense of belonging. These interviews show some of the relationship of the people from IAPI. The result was a syntheses map created from the data of the interviewees through the concept map and a list of the concepts covered in the theoretical part of this monograph.

Key Words: IAPI Village. Landscape. Cultural Identity. Cultural Geography. Porto Alegre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Foto Aérea do Conjunto Habitacional Passo D´Areia (Fonte Skyscrapercity.com, s/d).....	110
Figura 2 Mapa localizando a Vila do IAPI dentro do bairro Passo D´Areia (Fonte: Google Earth, 2017)	121
Figura 3 Arborização e padronização residencial: paisagem características do IAPI no prédio em que morou a cantora Elis Regina na Rua Rio Pardo, também conhecido como “Rua da Figueira”. (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017).....	176
Figura 4 Entrada da Vila do IAPI em 2017 (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)	254
Figura 5 Edificação totalmente descaracterizada x edificações características do IAPI, respectivamente na ordem que aparecem (Fonte: Arquivo Pessoal/2017)	265
Figura 6 A "brincadeira de roda" e a reunião das famílias nas praças da Vila do IAPI (Fonte: Arquivo Gardolinski, s/d).....	298
Figura 7 Mapa entregue para os entrevistados em folha A3 para representar o que identifica a Vila do IAPI (Fonte: Arquivo Pessoal).....	332
Figura 8 Imagem aérea do Conjunto Residencial Passo D'Areia nos anos de 1950 (Fonte: Acervo Fotos Nick, s/d)	354
Figura 9 Entrada da Vila do IAPI em 1953. (Fonte: Arquivo Gardolinski).....	365
Figura 10 Vista aérea da área central de Porto Alegre após a enchente de 1941 (Fonte: Sul21)	387
Figura 11 Projeto de urbanização da Vila do IAPI – Porto Alegre 1940 (Fonte: Acervo do Gabinete de Estudos e Documentação em Urbanismo – GEDURB – FAUFRGS)	398
Figura 12 Primeiras Habitações da Vila do IAPI nos anos 1950 (Fonte: Arquivo Gardolinski)	39
Figura 13 Inauguração do IAPI e o presidente Getúlio Vargas desfilando pelas ruas da Vila (Fonte: Acervo Foto Nick, s/d)	410
Figura 14 Centro de Saúde do IAPI (Postão do IAPI) (Fonte: Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, s/d).....	421
Figura 15 Praça Chopin, também conhecida como “Laguinho” (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017).....	432
Figura 16 Monumento da Índia Obirici ao lado do viaduto Obirici (Fonte: POAemMovimento)	443
Figura 17 Largo Elis Regina, situada na Rua Rio Pardo, em frente a casa em que a cantora morou (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)	443
Figura 18 Imagem aérea mostrando o traçado urbano do IAPI no meio de sua construção (Fonte: Arquivo Gardolinski, s/d).....	454
Figura 19 Fachada do apartamento da Dona Almerinda (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)	487
Figura 20 “Rua do Valão” (Rua Cambaí, aos fundos da casa da Dona Almerinda) (Fonte: Porto Imagem, s/d).....	49
Figura 21 Árvore plantada pela família de um morador, que teve suas cinzas espalhadas (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017).....	510
Figura 22 Descrição do que a paisagem IAPI significa para Eraclides e Almerinda	521
Figura 23 Mapa representativo dos elementos significativos de Eraclides	532

Figura 24 Ao centro, casa da Av. Assis Brasil, 1059, em 2017, já bem modificada (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017).....	543
Figura 25 Figura 7 Colégio Estadual Dom João Becker (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)	554
Figura 26 Descrições do que a paisagem do IAPI significa para Jairo	565
Figura 27 Descrições do que a paisagem do IAPI significa para Jairo	56
Figura 28 Parque Alim Pedro, centro de lazer e encontro dos amigos e famílias. (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017).....	576
Figura 29 Mapa representativo dos elementos significativos de Jairo	587
Figura 30 Casa de Carla Maria Muller, por onde viveu por 20 anos (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)	59
Figura 31 Descrição do que o IAPI significa para Carla	610
Figura 32 Mapa representativo dos elementos significativos de Carla	632
Figura 33 Conjunto Residencial 1º de Maio, limítrofe ao território do IAPI e moradia do Guilherme (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)	643
Figura 34 Escola Estadual de Ensino Fundamental Gonçalves Dias (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)	654
Figura 35 Descrição do que o IAPI significa para Guilherme.....	665
Figura 36 Mapa representativo dos elementos significativos de Guilherme.....	676
Figura 37 Mapa “Memórias e Identidades da Vila do IAPI” com as informações dos entrevistados sintetizadas.....	698

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REVISÃO TEÓRICA: PERSPECTIVAS AUTORAIS	15
2.1	A ABORDAGEM DA PAISAGEM	15
2.2	PAISAGEM MARCA E MATRIZ PELA IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E MEMÓRIA	21
2.3	CULTURA	25
3	CAMINHOS METODOLÓGICOS	29
3.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA	29
3.2	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	30
4	AS SINGULARIDADES DA VILA	34
4.1	CONJUNTO RESIDENCIAL PASSO D´AREIA	35
4.2	PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE	44
5	“ENTRE LAÇOS” COMUNITÁRIOS (RESULTADOS METODOLÓGICOS)	46
5.1	DE MÃE PARA FILHO, A PAISAGEM TRANSFORMA-SE	46
5.2	RELAÇÃO QUE VEM DE BERÇO	53
5.3	PAISAGEM FAMILIAR	58
5.4	PAISAGENS QUE SE REVELAM PELAS PASSAGENS E CAMINHOS SEGUROS	63
5.5	MARCAS E MATRIZES NA PAISAGEM	67
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
7	REFERÊNCIAS	73

1 INTRODUÇÃO

A sociedade vive um momento em que o tempo parece passar cada vez mais rápido. Os progressos técnicos e científicos, o advento de novas tecnologias e redes, cada vez mais compartilhadas, estão fazendo com que mudanças nos nossos hábitos e nossas referências geográficas e culturais acabem se moldando por uma globalização do espaço, onde os lugares parecem se tornar “espaços banais” (SANTOS, 2008, p. 50), ou seja, um significado comum para o ambiente de todos os homens e todas as técnicas. O deslocamento dos indivíduos no seu mundo social e cultural está levando as pessoas para o que Stuart Hall (2006) chama de “crise de identidade”. Diante disto, Zukin (2000) sugere que a sociedade se vê no seguinte paradigma: “Mercado Global x Lugar Específico”. Em outras palavras, isso significa que ou acaba passando por cima dos valores culturais em nome das especulações do mercado imobiliário, ou aprende a se desenvolver, mantendo preservada a memória urbana, neste caso, aliando o seu passado ao seu presente.

A pesquisa desenvolvida neste trabalho ancora-se na paisagem que nos diz respeito como “sujeitos sociológicos” (HALL, 2006, p. 11) – aquele que não é independente, e que se forma através da relação que estabelece com os outros sujeitos –, exatamente porque somos nós que fazemos parte dessa paisagem: a vivemos, a modificamos e ajudamos a construir a cada dia, uma ideia de que ela também instiga na modificação do caminho da construção de pilares mais sólidos na nossa vida em comunidade e, principalmente, como sociedade.

Para justificar a importância de se debruçar sobre questões como estas, de se resgatar e preservar traços histórico-culturais, marcas identitárias e relações afetivas, trago o depoimento de Marcelo de Almeida Abreu:

A valorização do passado das cidades é uma característica comum às sociedades deste final de milênio. No Brasil, esta tendência é inédita e reflete uma mudança significativa nos valores e atitudes sociais até agora predominantes. Depois de um longo período em que só se cultuava o que era novo, (...) eis que atualmente o cotidiano urbano brasileiro vê-se invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou a revalorização dos mais diversos vestígios do passado. A justificativa apresentada é invariavelmente a necessidade de preservar a ‘memória urbana’. (ABREU, 1998, p. 77).

A ideia deste trabalho surgiu de uma relação afetiva com a Vila do IAPI, bairro onde passei boa parte da infância, brincando com meus primos na casa de minha avó, “berço” do núcleo de minha família, que muito ainda me cativa com a sua mistura de classes, pessoas, culturas, lugares, e que, por vezes, destoa da agitação cotidiana do bairro à volta. Esse sentimento de identificação com o território, com as raízes ali presentes, comum à paisagem que o representa, com o desejo de apoderar-se daquele espaço, elegendo-o como o seu lugar, é algo que transcende as fronteiras do lugar.

Diante disso, a pergunta que permeia todo esse contexto afetivo que se relaciona com o trabalho e que se encontra presente na metodologia: **“O QUE A VILA DO IAPI SIGNIFICA PARA VOCÊ?”**.

No coração do bairro Passo D'Areia, Zona Norte de Porto Alegre, o Conjunto Habitacional Passo D'Areia, popularmente conhecido como “Vila do IAPI” ou “Vila dos Industriários”, denominado por seus primeiros moradores, oriundos de um passado operário, exibe uma espécie diferenciada de arquitetura à época, que começou a ser incorporada, nos anos 1940, na paisagem da cidade, e representava a continuidade do processo de urbanização da capital gaúcha, imprimindo assim uma marca singular naquela nova paisagem cultural-urbana, através do seu processo de construção, como pode ser observado na Figura 1, que mostra uma referência da padronização de estrutura da Vila do IAPI.



Figura 1 Foto Aérea do Conjunto Habitacional Passo D'Areia (Fonte Skyscrapercity.com, s/d)

Os conjuntos habitacionais, construídos nesse período, têm sua origem ligada aos Institutos de Aposentadoria e Previdência. Os IAP's surgiram em 1933, dentro do contexto político nacional, no qual o presidente Getúlio Vargas instituiu um governo centralizador, de apelo populista (Era Vargas), dando apoio às massas trabalhadoras,

criando regulamentações no regime de trabalho e estabelecendo uma situação de controle social. Os Institutos aparecem, também, como um instrumento para diminuir um déficit habitacional de um contingente populacional, que já era grande na época, tornando-os produtores de moradia social para as classes operárias.

Na figura 2, está a representação dos limites do terreno do IAPI dentro de um pedaço do bairro Passo D´Areia.

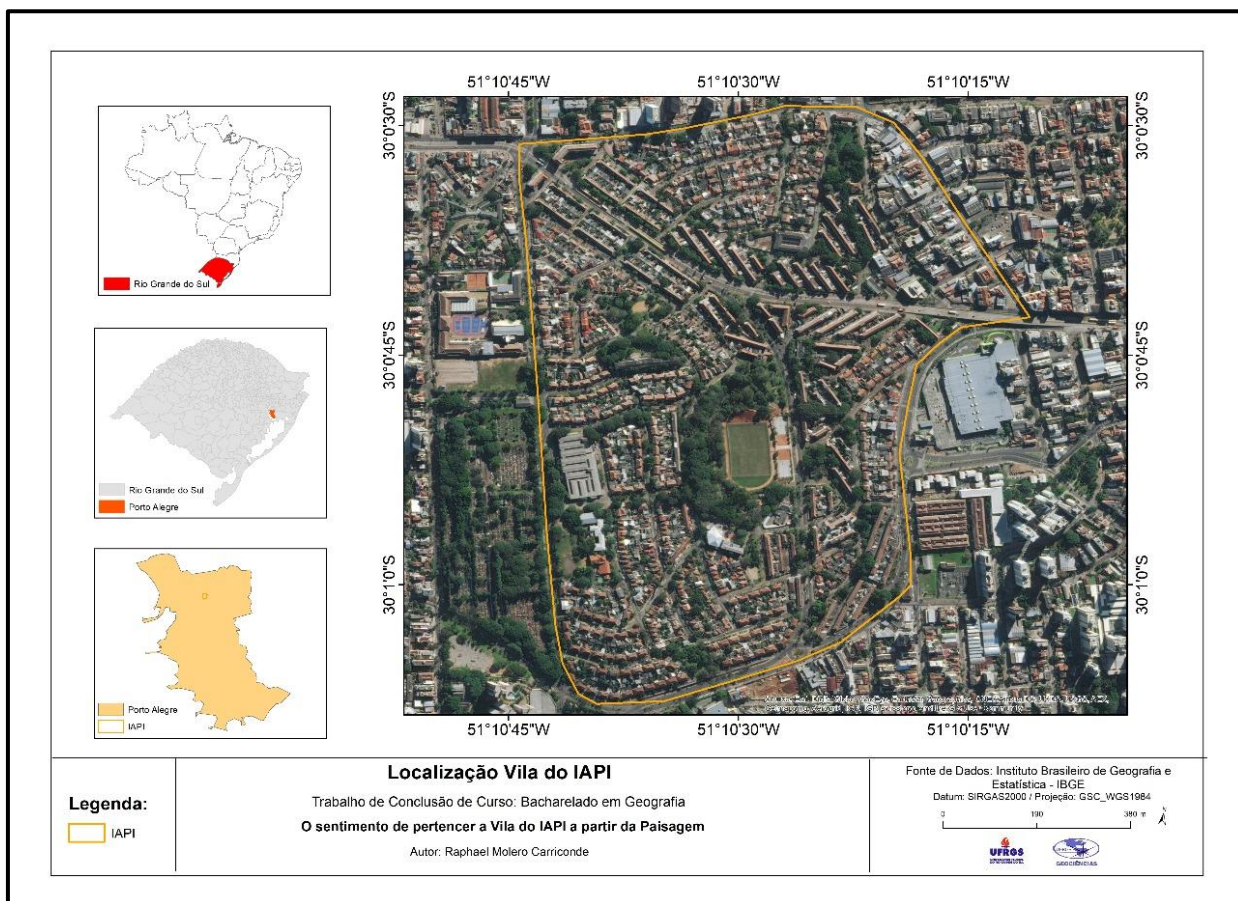


Figura 2 Mapa localizando a Vila do IAPI dentro do bairro Passo D´Areia (Fonte: Google Earth, 2017)

Porto Alegre foi uma das cidades brasileiras, no início do século XX, que vinha se industrializando em substituição a pequenas manufaturas de cidades do interior, que enxergavam a mecanização da lavoura se aproximando cada dia mais, e que se enquadrava nas características do desenvolvimento industrial, ligados à necessidade de um maior contingente de trabalhadores operários para viabilizar a instalação de fábricas com possibilidade de produção em alta escala imediata. A zona norte da capital acabou se beneficiando com essa modernização e troca do processo de produção, com a construção de indústrias no eixo centro – norte, que abrigou (e por hora ainda abriga) diversas fábricas e galpões industriais. O estabelecimento dessas fábricas acabou por

ampliar a rede urbana porto-alegrense. A capital gaúcha começava uma nova etapa da sua constituição como polo industrial gerador de emprego e de moradia.

A reorganização urbana da cidade no início do século XX, revitalizou a área central e a deixou com uma função mais comercial, fazendo com que os residentes dessa área, na sua maioria de baixa renda, se deslocassem para as áreas mais periféricas. No artigo “A Vila do IAPI do contexto de urbanização e industrialização” da Revista do Historiador (SILVA; MELLO; LEAL; 2009. p. 134), encontra-se referências sobre a preocupação com a inexistência de ocupação populacional nos espaços vazios entre os bairros, principalmente nas regiões que ficavam mais afastadas do centro.

Como as indústrias já estavam se estabelecendo no eixo centro – norte, houve beneficiamentos para que a execução de projetos de habitação popular, como o Conjunto Residencial Passo D'Areia, fossem instalados naquela região do bairro Passo D'Areia, embora fosse uma zona pouco desenvolvida e de baixa densidade demográfica (SILVA; MELLO; LEAL, 2009. p. 135).

Nesta monografia, pretende-se discutir o projeto de habitação do Conjunto Habitacional Passo D'Areia (Vila do IAPI), e como este ajudou a construir uma percepção de pertencimento e identidade do lugar pela paisagem, buscando identificar o que faz a Vila do IAPI ser identificada como sendo “o seu lugar” no mundo.

Também foi intenção deste trabalho, identificar elementos relacionados à história e memória dos entrevistados com relação à moradia, lazer, estética do bairro, cultura, e também outras características, de certa forma subjetivas, que ajudam a explicar como a paisagem, com sua modificação através do tempo, transformou a Vila do IAPI num lugar especial para seus frequentadores e moradores, analisando a importância no contexto de industrialização e urbanização de Porto Alegre, o que ajudou a suprir o déficit de moradia popular, mantendo sua identidade nessa nova paisagem que se erguia à época.

Esse sentimento de pertencimento e de identificação com o local está presente no cotidiano das pessoas, e já foi tema, inclusive, de poesia sonora, conforme pode ser observado na música “Meu Lugar” de Arlindo Cruz (2000), que versa sobre o que é “o meu lugar” na visão do cantor, referindo-se ao bairro de Madureira, na Zona Norte do Rio de Janeiro, muito popular na cidade, e conhecido também por ser “o coração da Zona Norte” e “berço do samba”.

A letra da música descreve o bairro e traduz o sentimento de carinho pelo lugar, fazendo uma análise da vivência, memória, afetividade e da cultura, acabando por descrever, também, a paisagem do bairro, localizando e colocando elementos que

permitem a Cruz, chamar Madureira de “meu lugar” e que lhe trazem boas lembranças: “*É bem perto de Osvaldo Cruz, Casca dura, Vaz Lobo e Irajá*”, bairros que o circundam; “*Em cada esquina um pagode, um bar...*”, relatando a cultura da música no bairro; “*E no Mercado você pode comprar...*”, localizando um local popular, onde os moradores frequentam; “[...] *pelos sete lados eu vou te cercar, em Madureira*”, terminando com a espacialização do bairro do contexto da Zona Norte fluminense.

O meu lugar,
 É caminho de Ogum e Iansã,
 Lá tem samba até de manhã,
 Uma ginga em cada andar.
 O meu lugar,
 É cercado de luta e suor,
 Esperança num mundo melhor
 E cerveja pra comemorar.
 O meu lugar,
 Tem seus mitos e seres de luz,
 É bem perto de Osvaldo Cruz,
 Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
 [...] Em cada esquina um pagode, um bar,
 Em Madureira,
 [...] E no Mercado você pode comprar,
 Por uma pechincha você vai levar
 Um denço, um sonho pra quem quer sonhar,
 [...] e quem se habilita até pode chegar.
 [...] pelos sete lados eu vou te cercar,
 Em Madureira. (CRUZ, 2007 – “Meu Lugar”, Álbum: “Sambista Perfeito”)

É dentro desse espírito de análise do “meu lugar” que esta pesquisa foi constituída, buscando compreender a origem de todo o processo histórico da construção do IAPI dentro do contexto urbano de Porto Alegre, estudando os diferentes planos diretores e de urbanização da cidade, para entender o processo de criação do seu projeto, e a sua ocupação pelos seus moradores.

Neste sentido, esta investigação trabalha na perspectiva de uma abordagem qualitativa. Inicia com uma pesquisa teórica acerca dos referenciais de paisagem, identidade e pertencimento, pertinentes para a aquisição e entendimento conceitual do tema, além de uma contextualização histórica do objeto de pesquisa, que contém as singularidades da Vila do IAPI e como sua construção se encaixou nos planos de urbanização da época. Entrevistas com moradores do bairro e uma proposta de elaboração de mapas conceituais, completam a revisão metodológica deste trabalho, objetivando, com essas representações, identificar os espaços culturais da Vila do IAPI, observando a relação de importância dos mesmos.

O trabalho apresentação disposto em capítulos que iniciam-se com uma breve introdução do objeto de pesquisa, sua justificativa de pesquisa, objetivos e a base metodológica que foi usada para obter os resultados. No segundo capítulo, a revisão teórica e perspectivas autorais, dão o suporte necessário dos conceitos de Paisagem (*marca/matriz*), identidade pertencimento e memória e cultura. Os caminhos metodológicos aparecem no terceiro capítulo e abordam como esse trabalho foi realizado, e também contendo o tipo de abordagem que foi utilizada para sua parte empírica e a construção dos resultados. O quarto capítulo traz as singularidades da Vila do IAPI com sua contextualização no meio urbano de Porto Alegre, seu processo de construção, e de patrimônio cultural da cidade, abordando mais alguns objetivos secundários. O capítulo quinto mostra os resultados obtidos através dos instrumentos de coleta de dados das entrevistas realizadas para discutir os “entre laços” comunitários, ou seja, os resultados metodológicos. No sexto capítulo foram apresentadas as considerações finais obtidas com a realização desse trabalho e algumas reflexões do mesmo. O sétimo capítulo está destinado para as referências pesquisadas para o conteúdo teórico que foi utilizado para essa pesquisa.

2 REVISÃO TEÓRICA: PERSPECTIVAS AUTORAIS

Referenciar teoricamente os conceitos utilizados na presente pesquisa é sempre um desafio, visto que os mesmos são constantemente discutidos e modificados com o passar do tempo, seguindo as correntes de pensamento vigentes à época. Como introduz Corrêa (1995), as divergências na definição entre os autores são grandes, devido à importância que cada um deles coloca sobre o tema, e também a qual ciência que à época de cada um era mais comum de ser abordada. Por esse motivo, compreender e escolher os melhores conceitos para esse campo de análise costuma gerar novos questionamentos acerca do tema.

Desta forma, iremos expor a visão de alguns autores, buscando envolver melhor o que ocorre no estudo do objeto sob uma visão mais teórica. Serão revisados aqui os conceitos relacionados principalmente à Paisagem e Pertencimento, com representações sociais dentro da Geografia Cultural, bem como outros conceitos que auxiliaram na construção da ideia dessa pesquisa, e de atender aos objetivos já apresentados anteriormente.

2.1 A ABORDAGEM DA PAISAGEM

Um dos recortes espaciais em que se explora além do simples alcance da visão, mas também seu poder de percepção dentro de uma importante abordagem geográfica, é a paisagem. Correntes da geografia, de viés mais positivista, tinham a paisagem como sendo o estudo que abarcava a visão, os elementos visíveis do espaço. A subjetividade conceitual, de certa forma, sempre foi muito discutida na ciência geográfica, pois seus métodos de análise muitas vezes são considerados imprecisos.

Paisagem cultural ou geográfica, como explica Sauer (1998, p. 9 apud ORTIGOZA, 2012, p. 53), “[...] resulta da ação ao longo do tempo da cultura sobre a paisagem natural. [...] paisagem como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”, portanto, trata-se de um conceito capaz de dar identidade e unidade à geografia. Essa nova paisagem cultural é descrita por ele como uma área composta por uma associação distinta de formas, tanto culturais quanto físicas. Em outras palavras, essa paisagem geográfica será resultante da ação da cultura

ao decorrer do tempo, e será modelada por um grupo social ou cultural, desde uma paisagem natural.



Figura 3 Arborização e padronização residencial: paisagem características do IAPI no prédio em que morou a cantora Elis Regina na Rua Rio Pardo, também conhecido como “Rua da Figueira”. (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

Quando buscamos interpretar o espaço geográfico como paisagem, a primeira ideia que nos vem à mente é a expressão materializada da sociedade possível de ser visualizada pelo observador, como Suertegaray (2000). A paisagem está, em grande parte, associada à ideia de imagem e cabe descrevê-la, enquanto expressão dos processos (SUERTEGARAY, 2012). Paisagem constitui, para a geografia, um conceito que possibilita uma análise integrada do espaço.

Com o passar do tempo, o estudo da paisagem se tornou mais complexo indo além das interpretações visuais. Este conceito passa a complementar e ser analisado junto com outras ciências como a biologia, antropologia e ciências sociais, auxiliando diversos autores a compreenderem os domínios que a relação sociedade x natureza tinham quanto a essa transformação, que colabora para o crescimento de uma identificação maior de determinadas sociedades, como a que veremos nessa pesquisa. Esses referenciais teóricos servem para refletir as discontinuidades qualitativas e quantitativas, atravessadas por redes socioculturais, que compõem o espaço e que se relacionam diretamente com o conceito de fisionomia (PIRES, 2013, p. 108).

No que tange abordar o objeto de estudo (Vila do IAPI) como uma paisagem de memórias, experiências e cultura, há de se compreender que a pesquisa se baseia na reorganização espacial urbana, em uma relação temporal de uma determinada região de

Porto Alegre. Na década de 1940, o contexto demográfico da capital era muito distinto do que é hoje, pois contava com uma população de pouco mais de 200 mil habitantes, e hoje, de acordo com o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul e o censo demográfico de 2010 do IBGE, conta com uma população de mais de um milhão e quatrocentos mil habitantes. O bairro Passo D'Areia era pouco desenvolvido e com baixa demografia dentro de Porto Alegre. Um eixo de comunicação entre o centro e as regiões metropolitanas.

Todos esses elementos citados, aliados as trajetórias de vida de quem vive o espaço, ou seja, que ajudaram a construir essa comunidade na Vila do IAPI, foram resultantes da interação entre elementos físicos e sociais, criando assim uma nova paisagem cultural. Dessa forma, a paisagem passa a ser vista a partir dessa nova organização do espaço, cheio de significados particulares criando identidades para essa porção da cidade. De maneira que se comece a tratar da dimensão das formas que expressam o movimento dessa sociedade (CAVALCANTI, 2008, p. 51-52), onde se percebe que as ações sociais vão sendo modificadas através do tempo e com a mudança de panorama e estrutura.

De acordo com Milton Santos (2006, p. 66), a paisagem seria esse conjunto de formas que exprimem a herança dessas sucessivas relações entre o homem e a natureza. Nesse contexto, a paisagem seria atemporal, que unificaria objetos do passado com o presente e, portanto, um recorte dentro de uma configuração territorial mais consciente com a relação “homem-ambiente” que a geografia em si representa.

Para Ratzel (1880), em seu livro *Antropogeografia*, o conceito de Paisagem era proposto com uma concepção limitada da cultura, devido à influência darwinista do autor. Ele de certa forma inclui a cultura nos seus estudos, mas não considerava que ela em si modifica essa paisagem, e que na verdade era tratado mais como um artefato utilizado pelo homem para domínio do espaço. Ele entende que a relação que o homem tem com seu ambiente vai depender das técnicas que vão ser utilizadas (CLAVAL, 2001, p. 21-22), e que sendo assim, essa “evolução” de uma paisagem natural em uma paisagem mais “cultural” era evocada por motivos físicos e geomorfológicos. Diversos autores trabalharam para dar solidez a esse conceito importante na geografia humanística e cultural.

Porém, como essa pesquisa busca conhecer os sentidos mais afetivos da comunidade em relação à transformação que aquela paisagem sofreu, é importante entender um significado perceptivo com o recorte. Assim, é possível compreender

melhor que o ambiente, que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, irá influenciar na sua conduta. Conforme Melo (2001, p. 33 apud RISSO, 2008, p. 72), fazendo com que esse pertencimento seja mais próximo ou não.

Para Kenneth Olwig (apud CLAVAL, 2002, p. 22), “a organização da paisagem reflete a existência de um sistema de poder: existe uma relação entre o país como criação política e a paisagem como expressão da personalidade do grupo social”.

Neste aspecto, cada representante de determinada comunidade ou demais grupos sociais irá ter uma percepção diferente, de acordo com as funções e usos que aquele espaço está tendo, e é quando a subjetividade da paisagem passa a ser estudada. Nessa subjetividade, se refletem diferentes sentimentos e comportamentos em relação àquela paisagem, como o sentido de enraizamento daquele lugar ou mesmo um sentimento de pertencimento. A paisagem passa a ser, então, a síntese das heranças da relação da sociedade com o espaço. (ORTIGOZA, 2012, p. 58).

O histórico da Vila do IAPI é baseado em uma ocupação de espaço por uma classe operária. Em 1942 começaram a ser erguidos os primeiros alicerces do Conjunto Residencial Passo D’ Areia, ou como popularmente é conhecido, Vila do “IAPI” (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários). Sua construção, finalizada em 1954, foi destinada à ocupação dos operários das indústrias de Porto Alegre, mas por causa de um teto mínimo de salário que era estipulado pelo Instituto, pode-se dizer que nem todas as moradias foram destinadas para essa classe, e sim, também ao proletariado industrial e funcionários do próprio IAPI (SMC, 1991, p. 9). . A Vila do IAPI foi posteriormente caracterizada como patrimônio cultural urbano (FAYET, 1995) e mantido no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA) de 1999. A partir de 2012, os imóveis do IAPI passaram a ter desconto no pagamento do IPTU por tratar-se de Patrimônio Cultural (SMC, 2015, p. 93).

Como a Vila do IAPI tem sua história construída a partir desse tipo de ocupação, julgamos ser necessário ressaltar as modificações na paisagem com relação a uma determinada capitalização dos espaços. Mesmo que a paisagem já tenha sido transformada em sua estrutura urbana e ter sido apropriada pela sociedade, passa a pertencer ao mercado imobiliário. Como modo de produção vigente, o capitalismo tem, em seu conteúdo central, a apropriação do espaço para a reprodução do capital, e a própria preservação da paisagem pode ter uma reserva de valor para especulação imobiliária. A paisagem urbana, como bem ressalta Ortigoza (2012, p. 54-55), se

transforma em uma materialização complexa dessa relação entre a sociedade e o ambiente.

Há de se pontuar também o tipo de vida que essa comunidade levava no início de sua composição. Tratava-se de uma massa operária de classe social mais baixa, e que atuava no mesmo seguimento industrial, compartilhava espaços de uso comuns e tinha relações pessoais muito próximas devido a locais públicos de lazer e locais comuns de trabalho (como era comum vizinhos de porta serem também colegas e funcionários de uma mesma fábrica). A noção de gênero de vida, dentro dessa paisagem, permite lançar um olhar sintético sobre as técnicas, os utensílios ou as maneiras de habitar das diferentes civilizações e assinala como se relacionam hábitos, maneiras de fazer as paisagens (CLAVAL, 2001, p. 33). A “análise dos gêneros de vida” proposta por Claval, mostra também o contrário, ou seja, como a construção (transformação) das paisagens reflete nessa organização social do trabalho.

Pensando no contexto das décadas de 40 e 50, uma consistente massa trabalhadora de baixa renda convivia e mantinha um estilo de vida simples. Com o passar do tempo, esses habitantes veem sua paisagem sendo transformada e seu entorno se desenvolvendo e se modernizando para suportar uma tendência de cidade mais dinâmica. Este lugar passa ter novas funções além da moradia, torna-se um importante eixo de ligação entre o centro da capital com a zona norte e região metropolitana; a agitação toma conta dessa população que percebe sua paisagem sendo transformada de forma rápida e abrupta; passa a ser constituído ali no meio, cada vez mais vias para o trânsito fluir; a popularização do automóvel faz o aumento da capacidade das ruas terem de suportar tal desenvolvimento; os olhos do mercado imobiliário crescem e um processo de (re) urbanização começa a acontecer, deixando aquela paisagem mais bonita e agradável; o valor dos imóveis e alugueis aumentam, e muitas vezes essa população, originária daquele lugar, não tem mais condições de se manter ali, e é impedida de continuar vendo esse desenvolvimento acontecer.

O Conjunto Habitacional Passo D´Areia (Vila do IAPI), que originalmente foi estruturado para abrigar uma população de baixa renda, operária e trabalhadora das indústrias emergentes de Porto Alegre, hoje em dia, apesar de manter a sua função residencial, viu seu domínio do visível se modificar para que a cidade cada vez mais busque se adequar ao modo de produção vigente, ou seja, segundo Zukin (2000) a paisagem é imposta ao ambiente, construída socialmente, edificada por instituições

sociais dominantes e ordenadas pelo poder destas, resultante da crescente globalização e aumento do valor econômico.

Na busca de compreender o que seja essa modificação da paisagem do objeto em questão, devemos fazer uma análise dessa paisagem, de modo que se deixe mais claro de que maneira ela se formou, e qual a subjetividade que ela traz para a Geografia.

Para isso, trago os conceitos de Augustin Berque sobre “paisagem marca” e “paisagem matriz”, pois apoiam de maneira concreta a complexidade da relação que existe na construção e modificação da paisagem.

Segundo Berque (1984, p. 33 apud HOLZER, 2004, p. 57) sinaliza que ao longo da construção deste pensamento “a paisagem é uma *marca*, porque exprime uma civilização, mas é também uma *matriz*, porque participa de esquemas de percepção, de concepção e de ação – isto é, da cultura”. Esses dois tipos de paisagem, de maneira conjunta, expressam a relação de uma determinada sociedade com o espaço. Nessa conjuntura, a marca seria o projeto da Vila do IAPI. A matriz seriam as relações comunitárias dessa sociedade com o espaço e entre si. A paisagem apresenta, assim, um sentido de consciência coletiva que essa civilização tem ou terá em determinada paisagem. Em outras palavras, a maneira de se ver a natureza dessa comunidade, seria a paisagem-matriz; e a natureza que essa comunidade compõe, seria a paisagem-marca, sendo o projeto da vila, complementando com o sujeito coletivo que produz, reproduz e a modifica a partir de certa lógica vigente, e com o qual essa paisagem se relaciona (matriz). Assim, não seria prudente nesse caso, analisar apenas a paisagem-marca, sem antes entender como se formou a paisagem matriz.

Entendendo a sua importância afetiva para o estudo do objeto em questão, os conceitos de paisagem aqui citados apresentam uma visão mais intimista e afetiva, descrevendo ideias não tão somente ligadas a sua morfologia ou modificação estrutural, mas sim, apresentam uma importância mais existencialista, afirmando a valorização das pessoas que ali moram e construíram um espaço em que a suas experiências fossem dotadas de uma sinergia ímpar com aquele lugar. A subjetividade criada em cada olhar que essa paisagem recebe é o que faz da Vila do IAPI único para cada indivíduo que compõem aquela comunidade e constrói suas experiências e sentimentos. E é preciso entender que a percepção da paisagem nessa ligação não se limita apenas a analisar os dados sensoriais das cenas observados pelo espectador, mas lhe concede uma atribuição de sentido quanto a sua significação.

Além das representações sociais, sentido de identidade local e pertencimento que aparecem nas relações com a paisagem, há de se mesclar o entendimento com o recorte do lugar como espaço geográfico (*marca*), com o qual a sociedade que ali foi inserida participa da construção social (*matriz*).

Portanto, nas diferentes percepções da paisagem, elas antes de tudo são sentidas e percebidas para poderem ser modificadas, seja do ponto de vista cultural ou mesmo estrutural, como o IAPI, se transformando antes de qualquer coisa em um espaço social e cultural daquilo que foi vivido ao mesmo tempo. A modificação dessas paisagens também colabora para a constituição da cultura do povo ajuda a construir o espaço ao qual se relaciona. Por isso temos que a paisagem é plurimodal, assim como é o sujeito para o qual o lugar existe (BERQUE, 1998, p. 86).

2.2 PAISAGEM MARCA E MATRIZ PELA IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E MEMÓRIA.

Partindo então do pressuposto do que explicou Berque (1984 apud CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 84-85), que uma paisagem é *marca* (a qual expressa uma civilização) e ao mesmo tempo é *matriz* (que canalizam em certo sentido a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza), essa paisagem nos permite ter diversas identidades que tem relação com o pertencimento dos sujeitos a partir de suas memórias.

Assim, saímos do campo materialista do recorte espacial físico e visual, para apresentar seu viés incorporado ao campo das subjetividades, do estado de espírito de seu espectador.

Entende-se através da análise da paisagem e sendo ela esse centro de transformação da materialidade das funções dentro do espaço, que as representações sociais criam uma forma de conhecimento construído e compartilhado por pessoas de um mesmo grupo social, criando dessa maneira, uma forma de identidade e pertencimento local para determinada comunidade, e esse sentido de pertencimento é percebido em comunidades como a da Vila do IAPI relativamente com as suas memórias.

Ortigoza (2012, p. 52) explica que a paisagem é entendida como a “materialidade das relações sociais”, passando a dar vida a uma “identidade socioespacial”. Bertrand (1971, p. 2 apud ORTIGOZA, 2012, p. 52) também contribui

para essa construção de identidade socioespacial da paisagem posicionando uma visão sistêmica que:

[...] A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 1971, p. 2 apud ORTIGOZA, 2012, p. 52).

Para trabalhar com o conceito de identidade e pertencimento, também se buscou abordar o campo da psicologia social com a Teoria das Representações Sociais elaborada por Serge Moscovici em 1961, onde o autor classifica um determinado grupo de pessoas a partir das características pelas quais elas se inserem em um mesmo grupo social, em que não existem mentes livres de fatores condicionantes (MOSCOVICI, 2011). De acordo com Moscovici:

Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-la tais como as vemos. Assim elas são apenas um elemento de uma cadeia de reação de percepções, opiniões, noções e mesmo vidas, organizadas em uma determinada sequência. (MOSCOVICI, 2011. p. 33 apud SOUZA, 2014. p. 30).

Entendeu-se que essa abordagem dos grupos de pessoas que estão identificadas por um mesmo grupo social, se encaixou muito bem no objeto trabalhado por causa do histórico da Vila do IAPI, construído através dos industriários e operários das fábricas de Porto Alegre das décadas de 1940 e 1950. Como frisa Barbosa (2008, p. 52), a identidade se constrói a partir de subjetividades coletivas e individuais.

Não é muito diferente pensar na formação cultural indígena, por exemplo, de identificação pela terra, apesar de se entender que na relação indígena com a terra é muito mais intimista, colocando a cultura como cultivo propriamente dita do terreno e a obtenção de recursos de sobrevivência através do mesmo. Essa porção de solo também apresenta características que explicarão as suas crenças e religiosidade. Na área urbana a realidade dessa relação é diferente, mas como a Vila do IAPI foi erguida onde anteriormente havia uma paisagem natural, ou seja, toda essa identificação vem do local onde antes não havia edificações, aparelhos urbanos e nem histórias, pode se entender

esse apego com o bairro, no qual as funções que são exercidas para esse “cultivo” são de moradia, lazer, educação e sociabilidade.

Podemos entender essa relação cultural com a paisagem, assim como Milton Santos (2006, p. 229) coloca quando da explicação da formação social nacional, que funciona como uma mediação entre o mundo e a região, explanando que dentro do território globalizado, também existe um sentido de pertencimento e identidade daquele lugar, construído através de suas técnicas no tempo. Essa mediação seria exercida pela formação socioespacial, que faz com que se tenham na mesma análise, de um lado o materialismo das formas geográficas, sejam elas naturais ou de transformação antrópica, e de outro o uso das normas e das técnicas praticadas naquele recorte.

Essas representações sociais atuaram no trabalho como um instrumento para melhor compreender as relações de um espaço determinado, em que o indivíduo se sinta representado pelo lugar ao qual ele pertence, analisando a mudança da paisagem ao longo do tempo.

Outra ideia para se compreender a identidade, trata de outro tipo de sujeito, um sujeito sociológico, em que abrange como o indivíduo social depende dos outros membros na sua relação com essa comunidade. A Vila do IAPI foi criada para que a classe operária industrial de Porto Alegre tivesse uma moradia de melhor qualidade, na época em que a industrialização na capital sofria grande crescimento e o contingente populacional, aumentava consideravelmente, além de ser assistida com melhor qualidade em outros aspectos como saúde, educação e lazer. Por meio disso, essa divisão do mundo social contribuiu para que essas relações de afinidade se consolidassem.

Dentro das questões que envolvem pertencimento e identidade, está também ligado o assunto sobre memória, onde se buscou uma preservação das diversas marcas deixadas nessa paisagem pelo passado. A figura 4 mostra essa preservação das *marcas* através das estruturas das edificações, em uma das entradas da Vila do IAPI pela Avenida dos Industriários, modificadas apenas em seu plano viário moderno dos corredores de ônibus.



Figura 4 Entrada da Vila do IAPI em 2017 (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

Isso acabou trazendo uma valorização dessas memórias, inclusive em boa parte dos entrevistados desta pesquisa, que relataram algumas mudanças que consideraram significativas na paisagem que vivem. Como contou Eraclides da Rosa, 55 anos, que quando criança brincava no meio do canteiro de obras da construção do Viaduto Obirici, ou ainda quando relatou que os momentos de infância com seus amigos na “rua do valão” (Rua Cambaí, onde existia uma vala de esgoto aberto, hoje já tapado), e observou essas mudanças na paisagem da Vila. O próprio entrevistado ressalta que esse tipo de brincadeira que ele tinha em sua infância, não ocorre mais e sente falta que seus netos não possam ter a oportunidade de lazer na rua como ele teve.

A memória traz à tona a valorização do passado ou o que sobrou dele dentro da paisagem (NORA, 1984 apud ABREU, 1998, p. 77), buscando resgatar a identidade entre o sujeito e o espaço em que ele atua. Duvignaud (1990 apud ABREU, 1998, p. 78) explica que é nos momentos de ruptura da continuidade histórica que direcionamos nossas atenções para a memória.

A velocidade com que os espaços vêm sendo globalizados assusta aos que buscam esse estudo e conservação das origens, pois se entende que as raízes culturais podem estar ameaçadas, caso não sejam preservadas. A própria Vila do IAPI sofre com essa dinâmica principalmente em sua estrutura residencial, em que diversas moradias já foram modificadas desde seu projeto original, e em alguns casos, descaracterizando sua paisagem marca, como mostra a figura 5.



Figura 5 Edificação totalmente descaracterizada x edificações características do IAPI, respectivamente na ordem que aparecem (Fonte: Arquivo Pessoal/2017)

Olhar para o passado passou a ser sinônimo de saudosismo, ou como atitude tipicamente reacionária (ABREU, 1998, p. 78), pois as sociedades deviam mirar o “futuro” para que se tivessem seu desenvolvimento fosse valorizado.

Como cita Abreu (1998):

O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em ‘instituições de memória’, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares (...) a busca da identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca por raízes, uma busca por passado (...) em termos da preservação das tradições vitais de uma sociedade (...).(Abreu, 1998, p. 79).

2.3 CULTURA

Até aqui, entendemos que a paisagem não é somente aquela tela ou cena que nós definimos apenas com a visão, mas que ela também pode ser sentida de outras maneiras, como a audição e tato. Mas um elemento que é levado em consideração nessa paisagem-matriz de Augustin Berque é a questão subjetiva do objeto, ou seja, aquela paisagem que percebemos e nos identificamos.

Em um país como o Brasil, onde tanto se fala em variedade de cultura e diversidade, muitas vezes ficamos nos perguntando o que seria essa cultura que nos permeia e nos “costura” como povo brasileiro ou como nação brasileira. Esse conceito é importante para entendermos um pouco das sociedades e comunidades, como a do IAPI, e chegar às conclusões que esse trabalho busca, de como se construiu essa identidade cultural e de pertencimento dentro do bairro.

Assim como a própria geografia, o objeto do estudo também é multidisciplinar, um elemento muito importante, que não poderia ser deixado de fora do que se estuda da paisagem geográfica ou cultural, como o próprio termo sugere é a cultura, através de alguns conceitos que foram retirados principalmente da antropologia. Abaixo estão postos alguns conceitos de maneira mais simplificados que surgem para dar um entendimento mais completo do trabalho.

Roque de Barros Laraia (1986) colocou conceitos de diversos pensadores da antropologia em seu livro “Cultura – Um Conceito Antropológico”, e afirma que, além de cultura ser um assunto inesgotável, também “o desenvolvimento do conceito (...) é de extrema utilidade para a compreensão do paradoxo da enorme diversidade cultural da espécie humana”.

Até meados dos anos 1920, se considerava que o determinante geográfico condicionava as classes culturais, e que, por exemplo, uma criança de qualquer região poderia ser educada em qualquer cultura desde que houvesse os elementos condicionantes e convenientes de aprendizado. A partir de 1920, alguns antropólogos como Franz Boas, colocaram que essa afirmativa não era correta, pois é possível que cada dia mais, nos espaços globalizados, exista uma grande diversidade de cultura.

Mas o que é cultura então?

O conceito como hoje é mais conhecido foi sintetizado e estruturado por Edward Tylor (1871) dentro da sua vertente do evolucionismo cultural para abranger todas as realizações humanas, pois segundo ele, cultura seria “um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR, 1871, p. 01 apud LARAIA, 2001, p. 25).

Sendo esses “hábitos adquiridos”, pode se entender como a ação da globalização nos múltiplos territórios, refugando uma ideia que se tinha de que a cultura deveria ser perpetuada biologicamente.

A citação de Jacques Turgot (1727 – 1781), de que “o homem é possuidor de um tesouro de signos e que tem a faculdade de multiplicá-los infinitamente, de retê-los, de comunicá-los e transmiti-los aos descendentes como herança”, ajuda a complementar as ideias do termo “cultura” explicitado por Tylor.

John Locke (1690 apud LARAIA, 2001, p. 25-26) escreve um ensaio onde demonstrava que a mente humana é uma “caixa vazia”, unicamente por causa do

nascimento, ou seja, que está totalmente capacitada a obter conhecimento ilimitado. Em suas palavras ele coloca o seguinte enredo:

Quem investigar cuidadosamente a história da humanidade, examinar por toda a parte as várias tribos de homens e com indiferença observar as suas ações, será capaz de convencer-se de que raramente há princípios de moralidade para serem designados, ou regra de virtude para ser considerada...que não seja, em alguma parte ou outra, menosprezado e condenado pela moda geral de todas as sociedades de homens, governadas por opiniões práticas e regras de conduta bem contrárias umas às outras (Livro 1, cap. II, § 10)

Max Weber cita que o homem é um animal que vive preso a uma teia de significados que por ele mesmo é criada, quer dizer, que essa teia em sua análise é o que se chamaria de cultura.

De acordo com Geertz (1973), a missão do antropólogo seria desvendar quais seriam esses significados, que aqui estamos relacionando com o que a paisagem do IAPI significa para cada agente da comunidade pertencente, e que também é o objetivo dessa pesquisa, pois a subjetividade desses signos será colocada nos mapas conceituais, e analisadas de maneira a entender quais os elementos da paisagem mais fazem com que a comunidade se identifique e se sinta pertencente ao bairro.

Segundo David Schneider, “cultura é um sistema de símbolos e significados”, ou seja, faz assim uma relação com a paisagem aqui estudada, recheada de signos e objetos que variam de acordo com a percepção de cada espectador.

Portanto, o homem seria o resultado do meio cultural em que foi socializado, ou seja, absorvendo todos aqueles elementos que foram sendo colocados para que seu desenvolvimento dentro da comunidade pudesse ocorrer, e essa é a importância do conceito de cultura dentro da abordagem da paisagem, pois ajuda a construir as identidades que tornam as paisagens *marca/matriz*. As crianças brincando e compartilhando o mesmo espaço social, as famílias reunidas nas praças, conforme a figura 6 sintetiza esse meio cultural cheio de significados e hábitos adquiridos.



Figura 6 A "brincadeira de roda" e a reunião das famílias sociabilizando nas praças da Vila do IAPI (Fonte: Arquivo Gardolinski, s/d)

3 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Nesse capítulo apresento o caminho que deu embasamento para esta pesquisa, lembrando que a mesma se desenvolveu através da pergunta: **“O QUE A VILA DO IAPI SIGNIFICA PARA VOCÊ?”**. Reitero que este trabalho busca discutir elementos que fizeram o projeto de habitação da Vila do IAPI construir o sentido de pertencimento através da visão do conceito de paisagem.

3.1 ABORDAGENS METODOLÓGICAS

As abordagens metodológicas são de cunho qualitativo etnográfico, entendendo que a “pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2004, p.28).

A paisagem representada não é apenas um conjunto físico do espaço, mas também um apanhado de elementos do presente e do passado; é acima de tudo um recorte atemporal recheado de memórias, sentimentos e valores. No campo da geografia cultural, o estudo da paisagem continua se mantendo de modo tradicional, partindo do ponto da descrição como dado perceptível.

Este estudo teórico da paisagem e de outros elementos importantes para a aquisição do conhecimento necessário para a elaboração deste trabalho foram os primeiros procedimentos metodológicos feitos. Através de algumas revisões bibliográficas de várias referências, feitas em áreas multidisciplinares, como a geografia cultural, psicologia social, sociologia e a antropologia, foi possível abordar temas que foram se ligando de modo a concretizar os conceitos chaves, como paisagem-matriz e paisagem-marca, cultura, memória, identidade e pertencimento.

Porém, também há de se levar em consideração o sentido que a sociedade dá a sua relação com o espaço e com a natureza, algo que ultrapassa o que pode ser percebido e é definido subjetivamente. Cada pessoa também é um observador, é dona de uma percepção diferente do seu entorno; essa percepção, aliada a infinitas variáveis, é fator fundamental para a formação dessa paisagem cultural. De acordo com essa abordagem, não se pode idealizar uma metodologia em que as relações de sociedade x natureza não estejam compreendidas e muito menos que sejam interrogadas de maneiras dissociadas.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Augustin Berque (1998, p. 85) explica que uma paisagem-marca, pode ser descrita e inventariada, e que dispõe de inúmeras ferramentas metodológicas, das quais se podem quantificar estatisticamente formas e conjuntos de formas na paisagem, fazendo a relação das mesmas com as suas funções e estruturas, tendo como ponto de partida, a descrição da paisagem percebida, através da matriz, que irá descrever a espacialidade que se entrelaça.

Por isso, a pesquisa se desenvolve a partir de trabalhos de campo onde foram realizadas entrevistas do tipo narrativa num primeiro momento, buscando fazer com que os entrevistados (todos relacionados à Vila do IAPI), buscassem através de suas memórias afetivas com o bairro, elementos que demonstrassem sua identificação com a paisagem.

Disso resultou uma das análises da pesquisa, que busca o entendimento de como é a relação do entrevistado com o IAPI, quais são suas experiências, vivências e memórias, reforçando a sua importância histórica como um lugar de identidade cultural e percepção sob a perspectiva da paisagem.

Segundo Rosália Duarte (2002), entrevistas realizadas em locais de trabalho, por exemplo, geralmente trazem problemas difíceis de solucionar fazendo com que o entrevistado não se sinta tão à vontade e aberto para seu discurso. Sendo assim, os sujeitos foram entrevistados ou na sua residência, ou no próprio ambiente da Vila, dando ares mais naturais e afetivos para as respostas.

Como se trata de uma pesquisa de cunho qualitativo, a delimitação de critérios segundo os quais os sujeitos da pesquisa, ou seja, a população base da pesquisa será selecionada para as entrevistas é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações para que se possa chegar a uma análise. (DUARTE, 2002).

Portanto, se tratando de um patrimônio cultural histórico, serão entrevistadas pessoas que tenham identificação, de preferência que ainda sejam residentes ou que de algum modo tenham mantido certo tipo de relação com a Vila do IAPI, com as estruturas locais (Parques, posto de saúde, escolas) ou com algum tipo de vínculo cultural (Escola de Samba, clube de futebol, associação de moradores), mas que não necessariamente tenha que ter sido morador da vila em seu aspecto geográfico e de certa forma territorial.

Como frisa Sousa (2010, p. 68) “quando a paisagem descrita por alguém não se encontra inserida no espaço é porque está presente em outra dimensão, na memória”, com isso, essa segunda parte da análise metodológica se dará através da confecção de mapas conceituais. Como esse material será feito pelos próprios entrevistados, dará à pesquisa um olhar distinto, para ver como eles também analisam e interpretam os espaços, como pontuado por Richter (2010, p. 120).

Não se criou um roteiro semiestruturado com perguntas diretas, e as entrevistas foram divididas em três etapas. Lembrando que antes de começar a primeira etapa, foi feita a pergunta que baseia o tema dessa pesquisa: “**O QUE A VILA DO IAPI SIGNIFICA PARA VOCÊ?**”, além de posicionar o entrevistado (a) sobre o que trata este trabalho e brevemente posicioná-lo (a) em relação aos conceitos abordados no mesmo.

Isto foi base para explicar seus mapas conceituais:

- **Etapa 1:** O entrevistado (a) foi convidado (a) a contar suas memórias, trajetórias e experiências com a Vila do IAPI. Essas narrativas foram gravadas para posterior análise de algum dado relevante no trabalho. Saliento que as entrevistas e possíveis imagens feitas nessa pesquisa foram devidamente autorizadas em áudio pelos entrevistados, assim como foram mantidos seus nomes originais. Alguns questionamentos foram feitos após a narrativa para que fosse sanada alguma curiosidade ou dúvida a respeito da história do entrevistado, ou para que fosse possível adquirir mais alguma informação pertinente ao trabalho. Importante colocar que foi esclarecido ao entrevistado (a) que o áudio coletado a partir da sua entrevista seria utilizado apenas para fins de transcrição de informações e não teria sua divulgação. Algumas dessas entrevistas foram transcritas para que se pudessem utilizar trechos que elucidassem alguns pontos importantes dessa pesquisa, e também para tentar captar os sentimentos contidos nas suas palavras, no sentido de deixar a análise cada vez mais próxima do seu ponto afetivo.
- **Etapa 2:** Foi fornecido ao entrevistado (a) uma imagem retirada do Google Earth, conforme figura 7, de parte do bairro Passo D’Areia com a delimitação da Vila do IAPI, e materiais como lápis, canetas coloridas e giz de cera foram oferecidos para que fosse feito apontamentos de lugares mais importantes ou aqueles com que o entrevistado mais se

identifica, além de caminhos mais percorridos, mudanças na paisagem, objetos e outros elementos que surgiram de acordo as suas memórias referentes ao que ele vê e de como ele entende ser a Vila do IAPI, através da sua percepção, e lhe foi sugerido a seguinte atividade: **“REPRESENTE COM DESENHOS, IMAGENS, CAMINHOS, OBJETOS, ATITUDES, SONS E OUTROS SENTIDOS, O QUE IDENTIFICA A VILA DO IAPI NO MAPA”**”.



Figura 7 Mapa entregue para os entrevistados em folha A3 para representar o que identifica a Vila do IAPI (Fonte: Arquivo Pessoal)

Deixou-se um espaço ao lado do mapa para a escrita de uma pequena legenda do que o entrevistado ia colocando no mapa.

- **Etapa 3:** Foi sugerido que o entrevistado descrevesse atrás da folha A3 onde localizou elementos da suas memórias, algumas palavras, sentimentos, experiências, percepções que ele tem sobre o IAPI. Para isso, foi feita a seguinte questão: **“SE VOCÊ FOSSE DESCREVER A PAISAGEM DA VILA DO IAPI, COMO ELA SERIA?”**. Com esse mapa conceitual, os entrevistados registram quais são os principais elementos que foram possíveis formadores desse pertencimento à Vila e que também serviu para a análise de percepção afetiva.

Esses mapas foram a principal ferramenta metodológica deste projeto, que auxiliaram no entendimento da pesquisa. As observações proporcionaram captar o significado do lugar, fazendo dessa abordagem de grande valia para as análises referentes a este trabalho.

Como bem lembra Tuan (1983), todos os lugares são pequenos mundos: o sentido de mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível de relações humanas, e isso será a base para explicar a análise através desses mapas mentais.

Essas entrevistas serviram para se ter uma demonstração mais concreta da percepção da paisagem, e sobre os elementos que serviram para a análise final da pesquisa, como moradia, lazer, estética e cultura (categorias de análise dos mapas). Formou-se uma espécie de “colcha de retalhos” em que o coletivo ajudou a construir a imagem daquela paisagem, com referências simbólicas a partir de um conjunto individual de valores e experiências.

A pesquisa contou com um público de cinco entrevistados, tomando-se o cuidado de buscar um grupo de pessoas que pudesse englobar diferentes épocas de vivência, idades, locais de moradia, locais de trânsito, trajetórias, e que no âmbito que a pesquisa se propõe, tenham diferentes observações da Vila do IAPI como sujeitos formadores daquela paisagem.

Além dessa ferramenta empírica, a pesquisa contou com o agrupamento de dados teóricos e históricos, que foi pesquisado conteúdo que contemplou desde o projeto de construção da Vila do IAPI em Porto Alegre, passando pelas referências teóricas conceituais, e culminou nas análises metodológicas para entender o que ocorre na presente formação daquela paisagem.

O produto dessa metodologia é um mapa síntese unindo todos os elementos que foram apontados pelos entrevistados no mapa delimitado do IAPI, com as suas respectivas legendas relacionando os aparelhos que o Instituto oferecia na época (Saúde, educação, moradia e lazer) e também outros pontos particulares destacados pelos entrevistados, facilitando assim a construção da análise do objeto da pesquisa.

Por fim, a revisão bibliográfica também auxiliou na perspectiva de análise da Vila do IAPI nos planos da cidade.

4 AS SINGULARIDADES DA VILA

O projeto do IAPI de Porto Alegre é um marco na história do urbanismo da cidade, e é admirado não apenas por seus moradores ou frequentadores, mas também por estudantes de arquitetura e urbanismo que conseguem enxergar ali um exemplar concreto relacionado ao conceito de Cidade-Jardim (HOWARD, 2002), que influenciou empreendimentos de urbanização no Brasil à época de sua construção.



Figura 8 Imagem aérea do Conjunto Residencial Passo D'Areia nos anos de 1950 (Fonte: Acervo Fotos Nick, s/d)

A Vila do IAPI foi caracterizada como patrimônio cultural urbano (FAYET, 1995) e mantida no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA) de 1999. A partir de 2012, os imóveis do IAPI passaram a ter desconto no pagamento do IPTU¹ por tratar-se de Patrimônio Cultural (SMC, 2015. p. 93). Um dos objetivos secundários deste trabalho tem a missão de analisar como o projeto da construção da Vila do IAPI foi criado e apropriado, dando as dimensões histórico-temporais adequadas. Queremos ajudar a compreender como essa paisagem foi se modificando estruturalmente através do tempo e quais foram os mecanismos que contribuíram para um aporte maior de recursos e investimento, garantindo uma maior infraestrutura na zona norte da capital.

¹ Imposto sobre Propriedade Territorial Urbana

4.1 CONJUNTO RESIDENCIAL PASSO D'AREIA



Figura 9 Entrada da Vila do IAPI em 1953. (Fonte: Arquivo Gardolinski)

Quando se busca o contexto histórico da Vila do IAPI, verifica-se que seu projeto é resultado da criação dos Institutos de Aposentadoria e Pensões. O decreto nº 4.682 de 1923, chamado de Lei Eloy Chaves, criou a Caixa de Aposentadorias e Pensões (CAP), que regulamenta as aposentadorias para os empregados das empresas ferroviárias. Em 1930, o novo Ministério do Trabalho, sob a mão de ferro de Getúlio Vargas, extingue as CAP's, que já haviam sido estendidas para outras classes, e as transforma em Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAP), contemplando e regulamentando, assim, mais classes de trabalhadores. De 1933 a 1960 foram criados aproximadamente 10 IAP's, e em 1936 é criado o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI). A partir de 1945, os IAPI's começam a expandir sua atuação para além de aposentadorias e pensões, e começam a atuar em áreas que incluem alimentação, saúde e habitação. (CPDOC - FGV, acessado em 15/12/2017²).

Na época em que os projetos de construção dos conjuntos residenciais foram concebidos, o Brasil vivia a "Era Vargas", um período em que ocorreria uma

² Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/PoliticaSocial/IAP>> acessado em 15/12/2017.

significativa expansão industrial e urbana no país, governado por Getúlio Vargas. Com a relação entre industrialização x urbanização gerando um déficit habitacional cada vez maior, uma das respostas para equilibrar essa balança do desenvolvimento social, que se observava no mundo inteiro desde o século XIX, foi à construção de conjuntos habitacionais populares, como o Conjunto Habitacional Passo D´Areia, ou carinhosamente chamado de Vila do IAPI ou Vila dos Industriários.

Porto Alegre seguia nessa trajetória nacional de desenvolvimento industrial muito forte, que levava para os centros urbanos uma massa trabalhadora para engrossar os quadros de funcionários das indústrias locais. Estruturalmente, a cidade não estava totalmente preparada para receber esse contingente de pessoas, fazendo com que passassem de 50 mil habitantes em 1890, para 275 mil em 1940 (SOUZA; MÜLLER, 1997, p. 79 e 80), o que gerou um déficit habitacional.

A história do IAPI está ligada a esse processo de industrialização e expansão urbana, fazendo com que a demanda por moradias para população operária ficasse a cargo do Estado, que passou a construir habitações subsidiadas e de baixo custo, demonstrando de certa forma, uma espécie de “controle social” (SMC, 2015. p. 25) . O desenvolvimento nas áreas mais distantes do centro seguiu em ritmo lento, sobretudo na questão de transportes, que, em muitas circunstâncias, eram movidos ainda a tração animal. O terminal de transporte coletivo, implantado no final do século XIX, situa-se próximo à Igreja São João (atual divisa entre Av. Benjamin Constant e Av. Assis Brasil, em frente ao Bourbon Shopping Assis Brasil), o que auxiliou na ampliação do povoamento da região.

Também a grande enchente de 1941, que alagou e devastou grande parte da área central, motivou esse deslocamento da população para a zona norte, que até então era considerada livre das cheias dos arroios. A figura 10 apresenta a enchente nos arredores do Mercado Público de Porto Alegre, mostrando a situação de calamidade que se encontrava o centro da cidade.



Figura 10 Vista aérea da área central de Porto Alegre após a enchente de 1941 (Fonte: Sul21)

Como a área da habitação também passou a ser contemplada pelos IAP's, em 1942 são iniciadas as obras do Conjunto Residencial Passo D'Areia (encerradas em 1954), mais popularmente conhecido como Vila do IAPI ou Vila dos Industriários, modificando a configuração do bairro do Passo d'areia (criado oficialmente em 1959 de acordo com a SMURB³), e desse eixo Centro – Norte da cidade.

O projeto, considerado inovador para a época, foi inicialmente elaborado pelo escritório central do Instituto no Rio de Janeiro, em forma de anteprojeto urbanístico, pelo engenheiro e urbanista, José Otacílio Sabóia Ribeiro, que participou de um concurso promovido pelo próprio IAPI (LEME, 1999, p. 310 e 311). Posteriormente, foi encaminhado para ser desenvolvido pela equipe de Engenharia local (DEGANI, 2003, p. 108). Nesse período, assume o engenheiro Edmundo Gardolinski, na época chefe do Departamento de Obras do IAPI, que reelaborou o projeto e o desenvolveu junto com o engenheiro Marcus Kruter, contratado para criar uma proposta urbana definitiva, como mostra a figura 11.

³ SMURB – Secretaria Municipal de Urbanismo de Porto Alegre

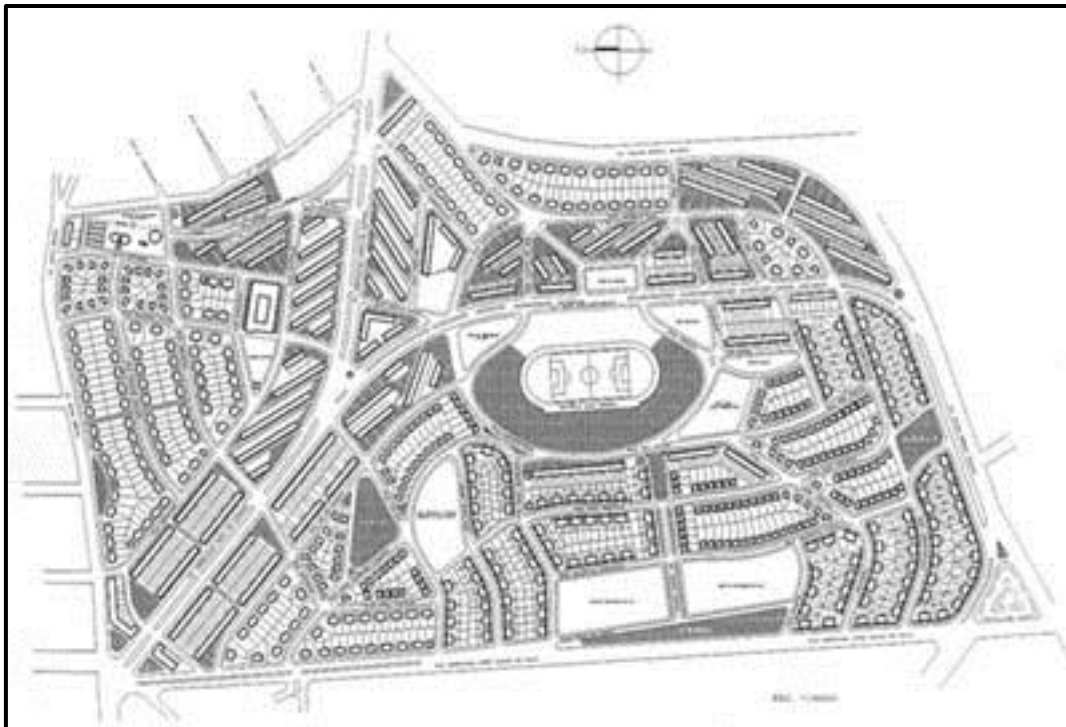


Figura 11 Projeto de urbanização da Vila do IAPI – Porto Alegre 1940 (Fonte: Acervo do Gabinete de Estudos e Documentação em Urbanismo – GEDURB – FAUFRGS)

O projeto foi baseado nas cidades-jardins do etnógrafo inglês Ebenezer Howard em 1898 (HOWARD, 2002). Na ocasião, a proposta de Howard serviu para conter o crescimento desenfreado de Londres e repovoar a zona rural, onde também a indústria seguia seu franco desenvolvimento e evitaria, assim, a criação das cidades-dormitórios (SILVA et al, 2009. p. 141), algo análogo ao que acontecia em Porto Alegre e no país.

Gardolinski não tinha preocupação apenas com a moradia, mas também queria que a obra se adequasse ao planejamento urbano da época (SMC⁴, 1991. p. 11). As moradias deveriam servir para suprir as necessidades das famílias operárias e o desenvolvimento de uma vida mais salutar, principalmente para aqueles que tinham uma pesada jornada laboral nas fábricas, atendendo o objetivo da demanda de moradia do próprio desenvolvimento urbano que acontecia na cidade.

O Conjunto abrange uma área de chácara de 67 hectares, comprada em sua totalidade pelo próprio Instituto nas proximidades de onde hoje se situa a Av. Assis Brasil. O terreno detinha características rurais e estava estabelecido em uma região periférica ao centro da cidade e posteriormente, veio a ser um dos eixos que, além de ligar a região central com as vias de saída para a região metropolitana, também se

⁴ SMC - Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre.

tornou uma importante ligação para a expansão industrial de Porto Alegre (SMC⁵, 2015. p. 23). Contempla as áreas de lazer, educação, habitação e saúde para os moradores, além de trazer um aumento de população para região e desenvolver melhorias de água encanada, saneamento e energia elétrica, descentralizando os investimentos que antes eram concentrados na área central da cidade (SILVA et al. 2009. p. 134). Inicialmente, seu projeto contemplava a construção de 1625 residências, mas no final, foi modificado para 2533, para atender uma população que se aproximava de 15.200 moradores de acordo com o censo de 1991 do IBGE (LAPOLLI, 2006. p. 28). Para se ter uma noção do tamanho do empreendimento, nos anos 2000, o bairro Passo D´Areia, onde está situado a Vila do IAPI, contava com aproximadamente 23.000 moradores em uma área total de 244 hectares (BARBOSA, 2007, p. 30), porém não se obteve dados do número de moradores do IAPI especificamente.



Figura 12 Primeiras Habitações da Vila do IAPI nos anos 1950 (Fonte: Arquivo Gardolinski)

Os imóveis foram sendo entregues para os moradores e comerciantes à medida que a obra ia avançando e suas etapas concluídas. Os mesmos detinham apenas o direito de uso dos imóveis, porém a propriedade, administração, manutenção e conservação eram do Instituto (SMC, 2015. p. 27). Com a criação do BNH⁶ em 1964, ocorreu a orientação para que as unidades habitacionais e comerciais fossem transferidas para os

⁵ SMC - Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre / Coordenação da Memória Cultural, “Vila do IAPI - Orientações para Conservação”. Editora Suliane. Brasil, Porto Alegre, 2015

⁶BNH - Banco Nacional de Habitação - organismo criado em 1964, visava implementar uma política habitacional que dinamizou o mercado de imóveis

usuários trazendo a ideia de “casa própria”, o que trouxe o início da descaracterização da Vila, que mantinha suas características originais de construção até então. (SMC, 2015, p. 27). A figura 12 apresenta como os imóveis foram sendo entregues e ocupados à medida que eram sendo concluídos. A figura 13 destaca a inauguração da Vila do IAPI pelo presidente Getúlio Vargas já em seu segundo governo.



Figura 13 Inauguração do IAPI e o presidente Getúlio Vargas desfilando pelas ruas da Vila (Fonte: Acervo Foto Nick, s/d)

Além da unidade de moradia e de comércio, o IAPI conta com aproximadamente dez prédios públicos (SMC, 2015, p. 61), que servem de equipamentos comunitários, entre eles:

- Escola Estadual de 1º Grau Gonçalves Dias (antigo Grupo Escolar Pedro Moacir)
- Escola Estadual de 1º Grau Theodoro Amistad
- Escola Especial Recanto da Alegria
- Escola Estadual de 2º Grau e Técnico Dom João Becker
- Escola Cenáculo (antiga Escola Edmundo Gardolinski)
- Igreja Nossa Senhora de Fátima
- Centro de Saúde do IAPI (conhecido como “Postão do IAPI”)⁷
- Associação de Moradores da Vila do IAPI (AMОВI)
- Arquivo Municipal

⁷ Conforme figura 14

- Posto Policial (9º Delegacia de Polícia Civil)

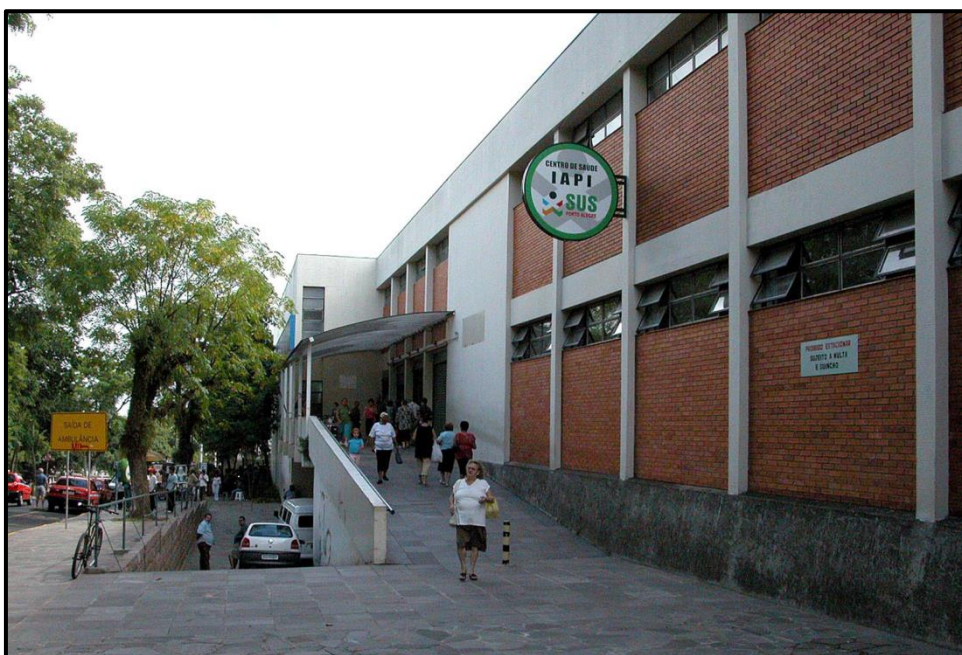


Figura 14 Centro de Saúde do IAPI (Postão do IAPI) (Fonte: Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, s/d)

Alguns prédios citados acima não estavam previstos no projeto original, mas tiveram sua construção endossada devido às necessidades surgidas. Apoiado nos princípios da cidade-jardim, a Vila do IAPI possuiu um traçado urbano orgânico, com uso intenso de áreas verdes, que buscam se integrar com as edificações, estando espalhadas de forma a não ficarem concentradas em um só local, formando praças, largos e parques. A porcentagem de área verde chega a quase 10% da área total do conjunto (FAYET, 1994). O Parque Alim Pedro, o maior dentro do IAPI, é considerado um centro cívico e desportivo do conjunto. O parque conta com quadras poliesportivas, campo de futebol, cancha de bocha, áreas de convivência, playground, e diversas opções de lazer aos moradores e frequentadores, principalmente aos finais de semana.

O projeto também previa mais cinco praças (SMC, 2015. p.46):

- Praça Chopin (Figura 15)
- Praça dos Gusmões
- Praça José Maurício
- Praça Cônego Cleto Benvegnú
- Playground da Escola Gonçalves Dias (que já foi aberta ao público)



Figura 15 Praça Chopin, também conhecida como “Laguinho” (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

Outra praça que fica situada nas delimitações do IAPI é a Praça Província de Shiga, financiada pelo governo japonês, por causa da celebração do convênio entre estados-irmãos, e inaugurada em 1983 (SMC, 2015, p. 46). É uma praça pública, cercada, e com sua temática toda baseada nas praças orientais.

Dois largos também chamam a atenção nas áreas verdes da Vila: o Largo Obirici, ponto de referência na região por estar ao lado do viaduto homônimo e também final da linha do ônibus 608 – IAPI e da Lotação IAPI, está situado junto a um dos núcleos comerciais do residencial, conforme a figura 16. O que chama a atenção nesse largo é o monumento da índia Obirici⁸, feito em bronze e que não passa despercebido por quem transita naquela área, apesar da movimentação intensa de veículos.

⁸ A Lenda da índia Obirici conta que ela, filha do cacique dos tupis-guaranis, e sua amiga lurá, se apaixonaram pelo mesmo guerreiro, Arakén. O conselho dos anciões estabeleceu que elas o disputassem em um torneio de arco e flecha. Obirici estava muito nervosa e acabou perdendo. lurá partiu com o guerreiro e Obirici começou a chorar...chorou tanto que seu corpo se desfez em lágrimas, formando um riacho sobre a areia, que os índios chamaram de Ibicuiratã. (Disponível em <<http://curumim-anorkinda.blogspot.com.br/2009/04/lenda-de-obirici-patchwork-de-joyce.html>> acessado em 28/12/2017).



Figura 16 Monumento da Índia Obirici ao lado do viaduto Obirici (Fonte: POA em Movimento)

Já o Largo Elis Regina carrega o nome da cantora que nasceu no bairro, e fica situado em frente à casa onde Elis morou durante a infância, na Rua Rio Pardo (SMC, 2015, p.46), conforme mostra a figura 17.



Figura 17 Largo Elis Regina, situada na Rua Rio Pardo, em frente a casa em que a cantora morou (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

4.2 PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE

Os projetos da Vila do IAPI, com seu traçado urbano orgânico e suas edificações características, lhe conferem sustentação suficiente para garantir sua preservação como patrimônio cultural da cidade, criando assim ações da prefeitura municipal com relação à proteção de sua estrutura contra descaracterizações que por ventura poderiam ser feitas por seus usuários. Em 1979, de acordo com o Plano Diretor (PDDU⁹/L.C. 43/79), aquele espaço foi declarado Área Funcional de Interesse Cultural, para receber um regime urbanístico específico (SMC, 2015. p. 33), sendo mantido no PDDUA¹⁰ de 1999, por sua reconhecida importância como imagem de um modelo urbano, como pode se observar na figura 18, que se torna pontual para a construção de uma identidade cultural (LAPOLLI, 2006, p. 13).



Figura 18 Imagem aérea mostrando o traçado urbano do IAPI no meio de sua construção (Fonte: Arquivo Gardolinski, s/d)

Em 1993, uma licitação foi feita pela prefeitura para realizar o detalhamento da Área Funcional de Preservação Cultural e de Proteção da Paisagem Urbana que

⁹ PDDU – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano

¹⁰ PDDUA – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental

definiriam esse regime urbanístico específico. A equipe do arquiteto Carlos Maximiliano Fayet, vencedora da licitação, realizou serviços de levantamento planialtimétrico, atualização dos levantamentos cadastrais, elaboração de modelos das variadas tipologias das edificações e diagnóstico das condições urbanísticas e edíficas que fizeram com que se formulassem as diretrizes gerais de preservação daquela paisagem urbana (SMC, 2015. p. 33).

Após esse trabalho de levantamento de informações e análises de dados, somente em 2002, através da Equipe de Patrimônio Histórico e Cultural (EPAHC), a Vila do IAPI foi considerada Área de Interesse Cultural, ainda mantida como AIC¹¹ pelo atual PDDUA¹². Ainda visando a maior proteção dos bens culturais e estruturais do IAPI, em 2012 a Vila passa a integrar o Inventário do Patrimônio Cultural de Porto Alegre, colocando o conjunto sob proteção da Lei do Inventário¹³ (SMC, 2015. p. 35). Com isso, os proprietários contemplados por essa lei, têm o direito de desconto no seu IPTU¹⁴ (SMC, 2015. p. 93).

Outro eixo cultural da Vila inclui o tradicional Esporte Clube São José, fundado em 1913, considerado o “time do bairro”, local onde ocorriam vários eventos como festas e reuniões dançantes e também era um espaço de sociabilidade e convivência da comunidade do IAPI, que também aproveitavam para assistir aos jogos do time. A Vila também conta com a Escola de Samba da União da Vila do IAPI, fundada em 1980, e que contou, entre seus fundadores, com antigos participantes do grupo humorístico “Os Tesouras”, que agitavam a festa carnavalesca, quando esta acontecia nas ruas do bairro (Barbosa, 2008, p. 31). Atualmente, a União da Vila está situada, como muitas outras escolas de samba, no Complexo Cultural do Porto Seco, no bairro Rubem Berta, extremo norte da capital, com uma densidade populacional muito grande e carente de quaisquer equipamentos relacionados a atividades culturais. No local fica a sede do Sambódromo e onde desde 2004 é realizado o carnaval de Porto Alegre (Revista Eletrônica Vitruvius)¹⁵.

¹¹ AIC – Área de Interesse Cultural

¹² PDDUA – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental

¹³ Constitui-se de uma das formas de acatamento e preservação para proteção legal dos bens culturais de Porto Alegre. É um procedimento técnico que localiza, identifica, individualiza, descreve e classifica edificações consideradas de interesse para preservação, considerando sua importância, valor, raridade e risco de desaparecer em relação aos seguintes atributos culturais: histórico, arquitetônico, técnico, e simbólico. (L.C. nº 601/08) (SMC, 2015.p. 35)

¹⁴ Imposto sobre Propriedade Territorial Urbana.

¹⁵ Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/10.120/3718>> acessado em 26/12/2017.

5 PAISAGEM MARCA E MATRIZ: ENTRELAÇOS COMUNITÁRIOS

Este espaço está reservado para as percepções, relatos de moradores da Vila do IAPI, associados aos conceitos de *paisagem-marca* e *paisagem-matriz*, centrais ao eixo teórico apresentado. Como *marca*, a paisagem pode e deve ser descrita e inventariada, sendo analisada a partir do projeto urbano do IAPI. Como *matriz*, a paisagem carrega sentimento; a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza, ou seja, os sentidos que foram dados àquele projeto urbano.

As memórias e relatos aqui transcritos foram retirados dos áudios dos entrevistados (as). Importante salientar que todas as informações pessoais, presentes nessa parte do trabalho, foram fornecidas pelos (as) próprios (as) entrevistados (as), que concordaram em participar desta pesquisa. A ordem em que esses depoimentos foram colocados aqui segue uma temporalidade gradual de tempo/época em que essas pessoas participaram/participam da Vila do IAPI. Também, aqui se busca cumprir com o objetivo de identificar alguns espaços formadores da identidade cultural e significação da Vila do IAPI, e de discutir pertencimento/identidade com a paisagem.

5.1 DE MÃE PARA FILHO, A PAISAGEM TRANSFORMA-SE

As memórias contadas pela Dona Almerinda da Rocha, 82 anos, ainda preservam alguns detalhes de uma mãe dedicada aos cuidados do apartamento de dois quartos, da criação dos filhos e sobre a sua história de mais de 50 anos como moradora do IAPI. No apartamento, como visita frequente, estava seu segundo filho, Eraclides da Rocha, 55 anos, que também corroborou com a entrevista, ajudando a mãe a confirmar alguns dados da trajetória da dona de casa aposentada. As datas não são precisas, mas as épocas ainda se mantêm vivas.

Ela começou contando que a sua trajetória no IAPI se iniciou ainda no bairro Navegantes, onde morava na casa de uma amiga (que viria a ser sua cunhada tempos depois) em uma “casinha” de duas peças. Lá conheceu seu marido, que já era morador do IAPI, trabalhava na fábrica da cerveja Brahma e detinha o aluguel do apartamento da Rua Tapiagu, número 171, até hoje, lar de Almerinda.



Figura 19 Fachada do apartamento da Dona Almerinda (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

Vieram morar definitivamente na Vila aproximadamente em 1960 após se casarem. Dois anos depois já grávida de um mês do segundo filho, seu marido veio a falecer, deixando o aluguel que pagava para o Instituto em suas mãos.

Ela relatou como foi o processo em que solicitou a posse do apartamento para o IAPI: foi até o Instituto, contou a sua história e que tinha ficado viúva, entregou os papéis referentes ao óbito do marido e com isso o apartamento foi passado para o seu nome. Quando os apartamentos entraram em venda ela teve a prioridade da compra, e foi lhe disponibilizado um financiamento de 30 anos para quitação da venda.

Outra memória que ela trouxe em sua entrevista era dos atendimentos médicos da SAMDU¹⁶, que era a unidade básica de saúde na época e de pronto atendimento. Lá, ela descreve que passou várias noites levando seus filhos, e descreveu o atendimento como “*uma maravilha*”.

Como dona de casa e mãe dedicada, suas histórias e lembranças acabaram se confundindo com a de seu filho, Eraclides, que acompanhava atento a entrevista da mãe e a auxiliava em recordar algumas datas e temporalidades.

Terminadas as recordações da senhora Almerinda, aproveitei e fazer a entrevista com seu filho Eraclides. E aí as coisas se inverteram de uma forma curiosa, pois enquanto ele dava seu depoimento sobre sua trajetória no IAPI, era a sua mãe que

¹⁶ Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência, criado em 1949 e contava, além de assistência médica, com escritórios dos Institutos e posto de vacinação (Barbosa, 2008. p.26)

escutava atenta e complementava com pequenas lembranças que o auxiliaram nas recordações.

Iniciou-se a entrevista com Eraclides da Rocha, 55 anos, especialista em armamento aéreo da Aeronáutica, que nasceu e passou toda a infância e juventude na Vila e fala com muito carinho sobre o IAPI:

Me dá muito orgulho de ter nascido aqui, ter saído daqui e vencido na vida e ter voltado pra cá e ver minha filha morando aqui.

(Eraclides da Rocha)

Ele começou o relato de suas lembranças contando que nasceu no hospital Lazzarotto, um antigo hospital que ficava na Av. Assis Brasil, limítrofe ao IAPI, que ficou fechado desde 1995 e foi demolido nos anos 2000. Estudou no Colégio Gonçalves Dias, e de lá, relembra que toda a assistência médico-odontológica que teve era realizada na própria escola:

Todo tratamento dentário que eu fiz foi no colégio [...] tinham três salas de dentista na escola [...] eu tinha o médico, até quando quebrei o joelho fui tratado ali.

(Eraclides da Rocha)

Depois foi fazer o curso técnico em contabilidade no colégio Irmão Pedro, situado no bairro São Geraldo. Porém, ele relata que o colégio era feito de madeira e uma obra para construir uma estrutura de alvenaria fez com que as instalações se mudassem provisoriamente para as salas de aula do Colégio Vicente Pallotti, que se situa na Rua Tupi, próxima aos limites do IAPI.

Outra memória que ele traz da sua infância, tem a ver com a percepção de mudança da paisagem:

Quando construíram o viaduto, eu brinquei muito na construção do viaduto, que tinham aqueles estaqueamentos de madeira para fazer concreto, e o fim da linha do bonde era ali onde tem a estátua da Obirici quando vinha do centro, que é onde param as lotações e os ônibus da linha IAPI hoje.

(Eraclides da Rocha)

Mais uma mudança de paisagem que Eraclides observou foi a construção do supermercado Carrefour em substituição do supermercado Febernati, que fica nos

limites. Também, os constantes alagamentos naquela região, viravam diversão e brincadeiras:

(...) inundava ali na frente do Febernati, na época do valão aberto. Nossa brincadeira era “pescar” os brinquedos que vinham na enxurrada.

(Eraclides da Rocha)



Figura 20 “Rua do Valão” (Rua Cambaí, aos fundos da casa da Dona Almerinda) (Fonte: Porto Imagem¹⁷, s/d)

Assim que concluiu seus estudos de técnico em contabilidade, ele prestou concurso para a Escola de Especialistas da Aeronáutica; foi chamado e passou a servir em Pirassununga, interior de São Paulo por cinco anos. Serviu 10 anos em Santa Maria, mais sete anos em Fortaleza, e pediu transferência para a Base Aérea de Canoas para ficar mais próximo de sua mãe, que já tinha uma idade avançada. Retornou ao IAPI, onde morou mais um ano, e logo após comprou um apartamento no bairro Sarandi, distante alguns quilômetros do IAPI. Mas inclusive por causa da sua mãe, não deixou de frequentar a Vila, que casualmente hoje abriga o apartamento da sua filha de 29 anos:

¹⁷ Disponível em <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1672400>> acessado em 19/12/2017.

Pra tu ver como são as coisas: minha filha se casou e comprou um apartamento no IAPI e mora aqui até hoje.

(Eraclides da Rocha)

Uma curiosidade que Eraclides trouxe em sua entrevista foi que, no Parque Alim Pedro, algumas pessoas que moraram no IAPI a vida inteira, tiveram como último pedido antes do falecimento que as suas cinzas fossem jogadas no parque e que uma árvore fosse plantada no local, conforme figura 21.



Figura 21 Árvore plantada pela família de um morador, que teve suas cinzas espalhadas (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017).

A relação de comunidade e pertencimento se observa no relato de Eraclides sobre as pessoas que compõe a Vila do IAPI:

Uma coisa interessante é que todo mundo aqui se conhece. 99% do pessoal antigo já morreu. Tem agora os filhos, os netos os bisnetos. Então tu vê que aqui nesse IAPI já tem várias gerações. Mas tu vê, a minha filha já ta morando aqui, daqui um pouco os netos tão morando por aqui.

(Eraclides da Rocha)

No final da entrevista, perguntei ao Eraclides e sua mãe, senhora Almerinda, “o que o IAPI significa pra você?”.

Eraclides respondeu:

Me da muito orgulho de ter nascido aqui, ter saído daqui e vencido na vida e ter voltado pra aqui e ver minha filha morando aqui. É um lugar que conseguiu acolher toda faixa social. Do bem de vida ao mais pobre se sente bem aqui, porque da pessoa mais pobre ao mais rico mora no mesmo tipo de habitação.

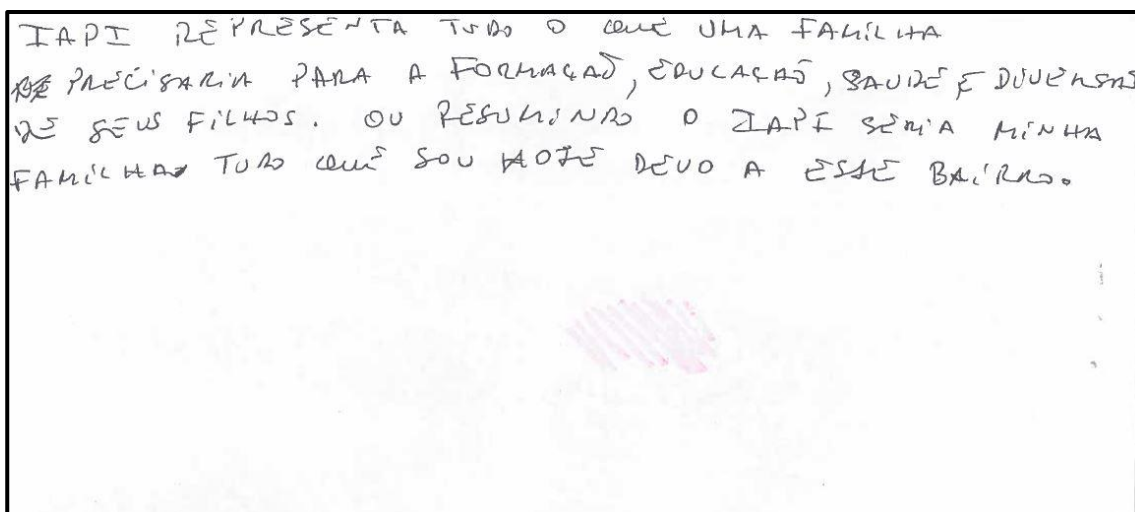


Figura 22 Descrição do que a paisagem IAPI significa para Eraclides e Almerinda

Almerinda resumiu o significado IAPI para ela assim:

É o mesmo que estar em casa! O meu mundo é a vila do IAPI!

A figura 22 é a descrição que Eraclides e Almerinda fizeram da paisagem do IAPI e o que ela representa para eles, e a palavra “família” ficou evidenciada nessa descrição e também nas suas entrevistas.

Quando pedi que eles fizessem os mapas conceituais e me mostrassem no mapa do IAPI (conforme figura 23) os lugares mais significativos e representativos pra eles na Vila, apenas Eraclides fez a proposta, pois Almerinda, não se sentiu à vontade para realizar a atividade.

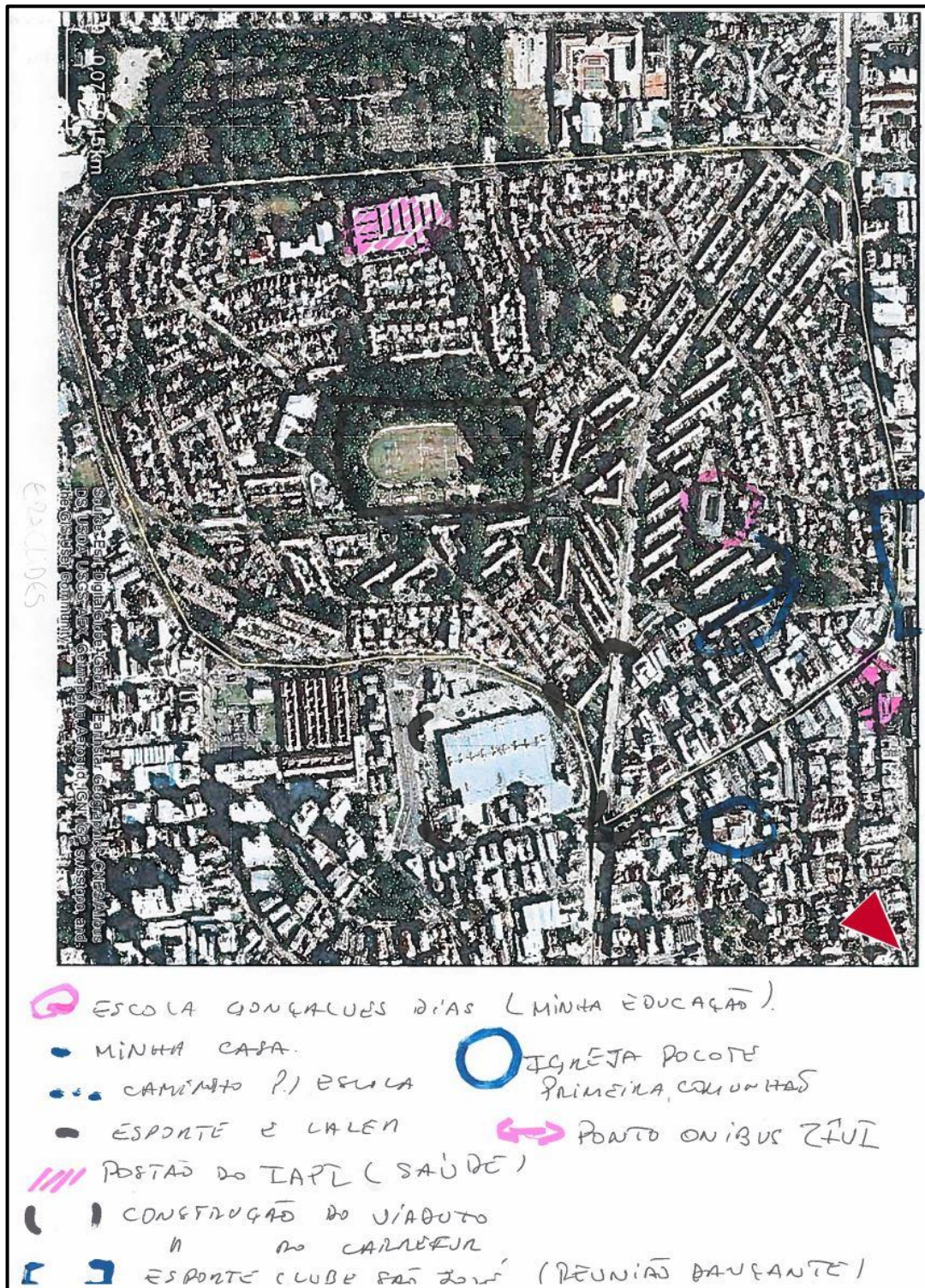


Figura 23 Mapa representativo dos elementos significativos de Eracides

5.2 RELAÇÃO QUE VEM DE BERÇO

Certas relações estão tão fortemente ligadas, que muitas vezes o pertencimento a determinado lugar já vem de berço. A convivência no IAPI de Jairo Carricone, 58 anos, se confunde muito com a sua própria trajetória de vida, pois a sua história começa antes mesmo de seu nascimento.

Seu pai trabalhou como auxiliar administrativo do IAPI e fiscal do INSS, e se aposentou dentro do Instituto por onde trilhou um caminho de mais de 37 anos de serviços prestados, chegando ao final de sua carreira como chefe administrativo do Postão do IAPI. Ele confirma que presenciou toda a mudança de IAPI para INPS e INSS, devido ao trabalho do seu pai.

Nasceu e se criou junto aos seus pais e seus irmãos na Av. Assis Brasil, número 1059, nos limites da Vila, em uma casa que pertencia ao IAPI.



Figura 24 Ao centro, casa da Av. Assis Brasil, 1059, em 2017, já bem modificada (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

Relatou que na sua infância as relações de convivência, sociabilidade e vida escolar, toda está atrelada, claro, à Vila do IAPI:

Tive toda minha infância ligada ao bairro, estudando no colégio Gonçalves Dias, e aí a gente tem todas as amizades, todo relacionamento dentro do bairro [...] depois disso fui estudar no Dom João Becker, e de lá comecei a trabalhar.

O começo de sua jornada laboral vem da época do ensino médio no Colégio Dom João Becker, em que participou de uma ação ligada ao “Projeto Rondon”, onde se

iniciaram os primeiros programas de estágio dentro do INPS. Esse foi o seu primeiro emprego.



Figura 25 Colégio Estadual Dom João Becker (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

Nesse meio tempo, seguiu sua vida escolar, saindo do Colégio Dom João Becker e indo fazer o restante de seu segundo grau no Colégio Dom Bosco, também situado no limite externo do IAPI.

Os círculos de amizades, as andanças pelo bairro, as vivências com os espaços comuns, como o Esporte Clube São José, onde aconteciam as festas de sua época, trouxeram para ele também outro vínculo familiar:

(Frequentava) Muito a região do E.C. São José, onde conheci, e acabei me casando com a minha esposa, que morava numa rua muito próxima, praticamente dentro do IAPI mesmo.

Nesse íterim de sua adolescência para a vida adulta, uma ligação muito importante que teve foi quando começou a trabalhar numa das grandes fábricas que restaram naquela região, próximas ao IAPI, a Zivi-Hércules que tinha suas instalações no bairro Santa Maria Goretti, também junto ao bairro Passo D´Areia. Com isso, sua convivência com o bairro seguiu cada vez mais intensa.

Após se casar, acabou indo morar fora do IAPI, mas não muito longe: morou no bairro São João e quando seu primeiro filho nasceu, voltou ao Passo D´Areia.

A relação com a mãe, que ainda seguia morando na Vila, fez com que esse vínculo não se perdesse, apesar da correria do cotidiano. Ele pode transmitir para seus filhos um pouco da sua experiência, carinho e afeto com aquele lugar que tanto foi representativo para sua infância.

Meus filhos nasceram, a minha mãe que morava na casa da Assis Brasil, ela vendeu a casa depois que meu pai morreu, se mudou para um apartamento na Av. Industriários, que é a porta de entrada do bairro IAPI.

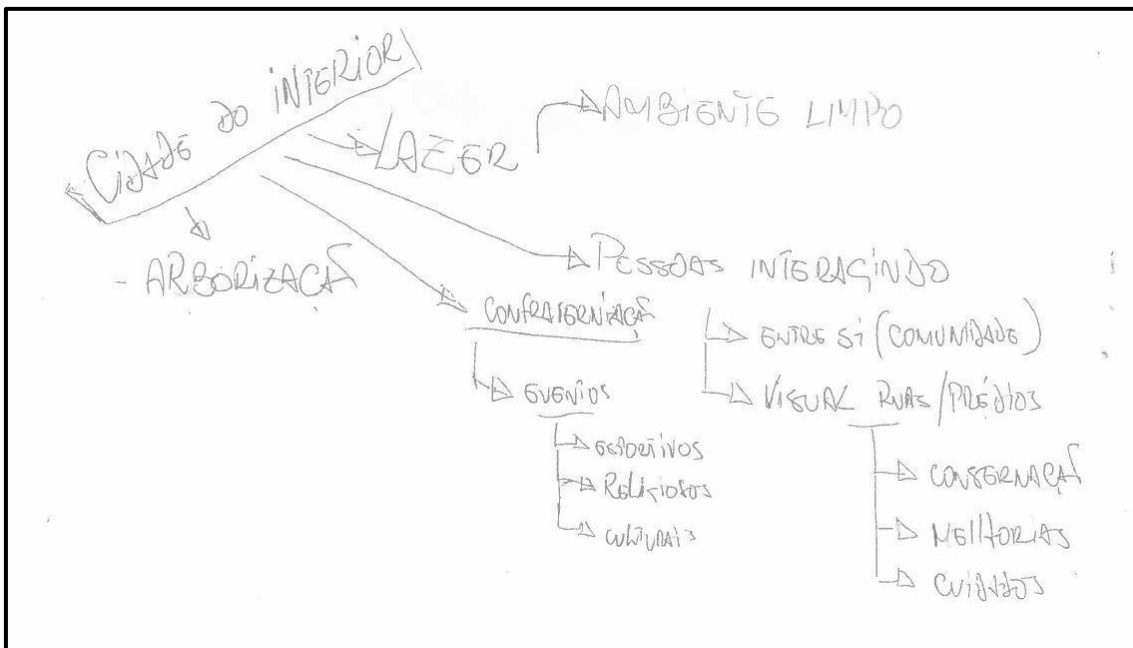


Figura 26 Descrições do que a paisagem do IAPI significa para Jairo

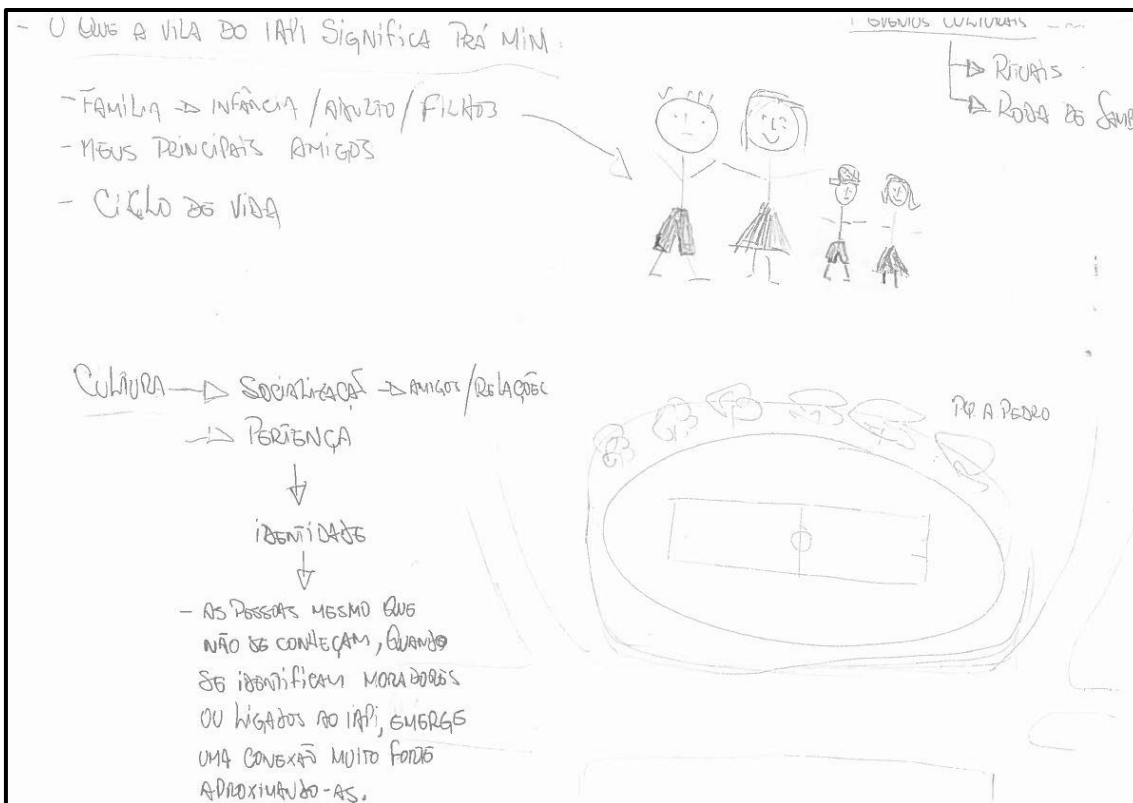


Figura 27 Descrições do que a paisagem do IAPI significa para Jairo

As figuras 26 e 27 representam os esquemas de percepção da paisagem do entrevistado e elementos que fazem a Vila ter significado pessoal para ele.

Em relação ao seu lazer, Jairo comenta que essa questão está intimamente ligado ao que ele chamou de “coração do bairro”, que é o Parque Alim Pedro, aonde as pessoas vão ali praticar seu futebol, ou simplesmente tomar seu chimarrão, ou jogar bocha, ou simplesmente vão pra encontrar amigos.



Figura 28 Parque Alim Pedro, centro de lazer e encontro dos amigos e famílias. (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

O tempo foi passando, mas as suas relações com as pessoas que ali ainda estavam não mudava. Inclusive não só pelas suas relações pessoais, mas as relações de amizade que os seus irmãos tinham, e os círculos de amizades acabavam tendo uma identificação muito grande, e como ele mesmo colocou, um sentimento de pertencimento e de orgulho de fazer parte do IAPI:

Também o fato de eu ter vários irmão, e todos eles muito atuantes no bairro, também me deu esse sentimento de pertença, porque além dos amigos que eu possuía no bairro, ainda tinham os amigos dos meus irmãos que também eram meus amigo.

Então se eu passar por dentro do bairro hoje, como faço algumas vezes, eu conheço pessoas, e casas de pessoas, que ou eram meus amigos, ou eram amigos da minha irmã, ou eram amigos dos meus outros três irmãos. Então é uma relação muito intensa com o bairro, e isso eu tenho muito orgulho de dizer que eu sou do IAPI.

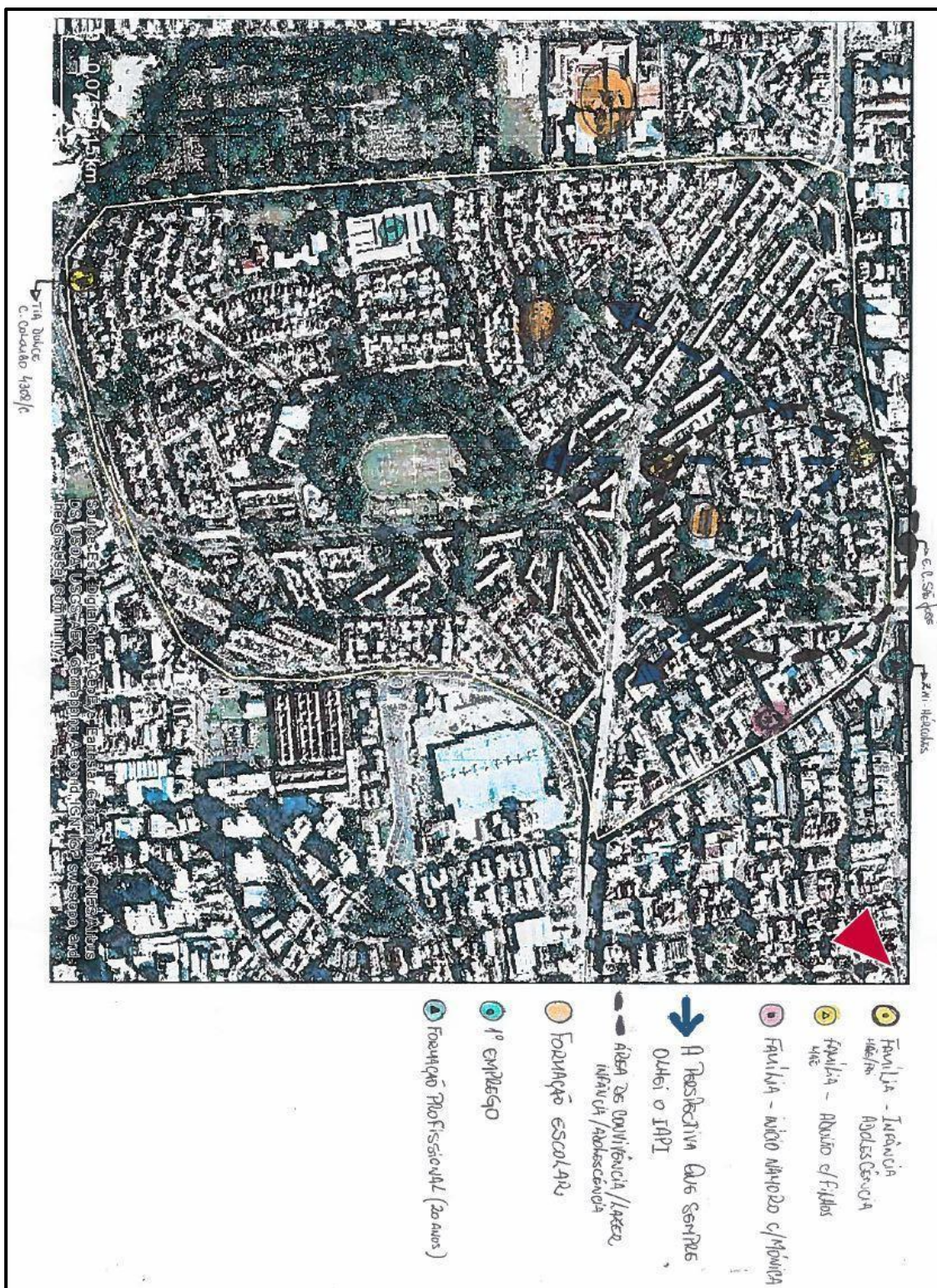


Figura 29 Mapa representativo dos elementos significativos de Jairo

Na figura 29, onde foram apontados os espaços de memória e significação do Jairo, aparece basicamente o que entendemos que seja a sua *paisagem marca/matriz*, ou seja, aquilo que expressa esses espaços de relação da comunidade e participam ao

mesmo tempo da concepção do espaço, como o Postão do IAPI, a casa da sua tia Dulce, a sua casa de infância, a casa da sua mãe, as escolas em que estudou e o E.C. São José, cada um com sua relação de significados.

5.3 PAISAGEM FAMILIAR

Antes mesmo de a entrevista começar, Carla Maria Muller, 56 anos, já se emocionava e as lágrimas vieram fácil quando eu disse que gostaria que ela refletisse sobre a pergunta tema do trabalho “O que o IAPI significa pra você?”. Comentou-me que naquele momento vieram muitas memórias boas da sua vida e dos aproximadamente 20 anos que morou no IAPI. Hoje, ela não mora mais na Vila, mas o seu relato está tomado de afetividade sobre sua percepção daquela paisagem, que ela descreve como familiar.

Ela começa sua história contando que quando se mudou do interior para Porto Alegre, veio morar no bairro Navegantes com os pais, e a sua escola, o Colégio 1º de Maio, era muito próximo da sua casa. Após isso, ela se mudou para próximo da Av. Assis Brasil, nas imediações do Bourbon Shopping, e foi fazer seu ensino médio no Colégio Dom João Becker, registrado por ela como “*um colégio muito bem conceituado na época*”:

Vinha essa questão de morar perto da escola, de ainda ta nesse espírito de cidade do interior, de uma escola que tava dentro de uma vila, as casas muito parecidas, com praças ao redor, muito arborizadas. Me sentia bem orientada.

Ela se identificou muito com as estruturas das casas e áreas verdes da cidade-jardim do IAPI, que tudo aquilo ao seu redor remetia ela a estar em casa, no interior. Comentou também que ela e os amigos “curtiem muito o bairro” e “transitavam de forma interessante pelo bairro”, pois as pessoas moravam próximas umas das outras e todas estavam num mesmo círculo social:

Tinham muito colegas que moravam ali (IAPI), que moravam na Coorigha¹⁸, e a gente transitava a pé com muita tranquilidade, e isso me remetia a algumas questões da minha infância que foram no interior.

¹⁸ Condomínio Conjunto Residencial 1º de Maio

Passado esse período escolar da infância e adolescência, Carla acabou se casando, teve três filhas e retornou ao IAPI onde comprou uma pequena casa por onde morou por 20 anos. Ela descreveu esse tempo passado na Vila como “uma fase da minha vida que eu fui muito feliz”.

Nessa casa, segundo ela, tinha todo um ambiente muito favorável e familiar para ela criar as três filhas pequenas, sendo a mais nova com apenas um ano de idade. Na casa tinha um pátio pequeno, galinha garnisé, árvore frutífera, passarinho, tartaruga, um cachorro pequeno, balanço, caixa de areia e uma área verde, e curtia “*aquilo de cortar grama e cuidar do jardim*”, tudo conforme ela descreve que tinha tido na sua infância.



Figura 30 Casa de Carla Maria Muller, por onde viveu por 20 anos (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

Ela levou em consideração a ótima localização do IAPI para ela e sua família, pois conseguiam se locomover de maneira muito natural e fácil, inclusive pelas imediações.

Sobre a localização ela afirma que:

É um bairro que tem muito a oferecer em questões de qualidade de vida, próximo a muitos centros importantes, a localização dele pra mim é fundamental, algumas quadras eu to do lado da Assis Brasil, outras quadras eu to do lado da Plínio (Brasil Milano), então eu tenho acesso a cidade de uma forma muito tranquila, e ao mesmo tempo eu tenho acesso pra sair da cidade de uma forma muito tranquila. Minhas filhas estudavam no Pastor Dohms, e iam a pé para o colégio cruzando por dentro do IAPI.

Porém, a saída dela e da família de lá representou uma ruptura muito grande, o que justificou também a sua emoção no começo dessa entrevista. A separação com o marido fez com que eles vendessem a casa e se mudassem para outro lugar. As filhas foram as que mais sentiram esse desapego com aquele lugar conforme relatos dela:

Eu me lembro de que as minhas filhas colocaram no fundo de tela do meu computador, a foto com a imagem que eu via do meu escritório pro meu pátio: era o jardim, eram árvores pequenas, floridas... Aquilo pra dizer: 'Mãe, olha só o que a gente vai deixar de ter quando a gente sair daqui'.

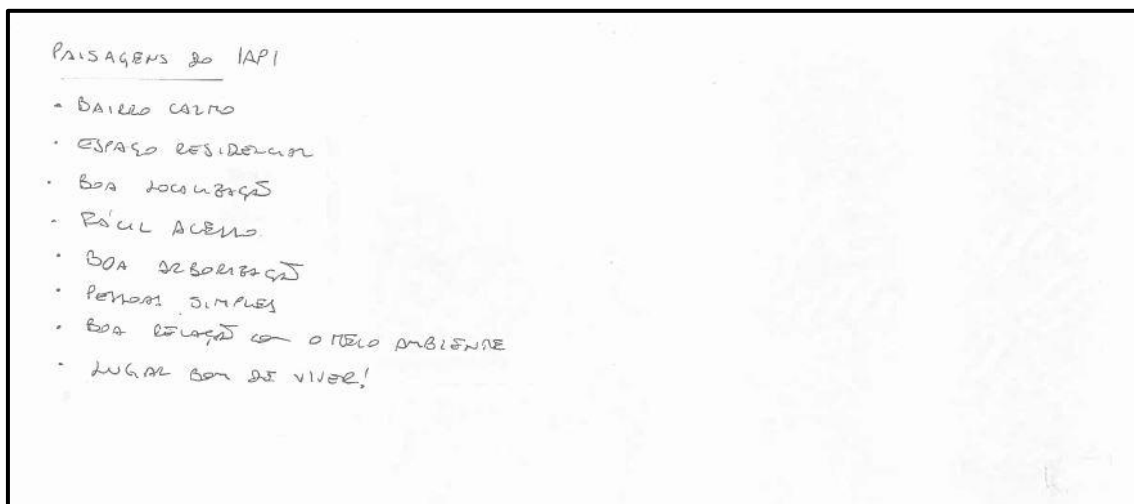


Figura 31 Descrição do que o IAPI significa para Carla

Na figura 31 está representada o que a paisagem do IAPI significa para a entrevistada, e os elementos que fazem ela ter uma afetividade significativa pela Vila.

Esse episódio também doeu muito para ela nesse processo de mudança, pois comenta que tem um carinho muito forte por aquele lugar e que é um bairro muito legal de se viver. Tanto que, por não morar muito distante dali, ela passava costumeiramente pelo IAPI, e começou a notar algo que a desagradava mais ainda: as bruscas mudanças em sua estrutura original:

Me dói ver o que tão fazendo com o bairro IAPI, eu vejo casas sendo destruídas...diziam que ele tinha um papel histórico, que não podiam ser mexidas nas casas, as reformas deviam ser bem pensadas...tinham que passar por uma comissão do tombamento histórico do bairro, eu não sei se existe ou não, se foi legalizado ou não. Me dói muito ver a forma como o bairro está sendo descaracterizado. Se houver um movimento pra que isso possa ser revertido, certamente eu apoiaria esse movimento de alguma forma.

Ela se recorda que era muito comum ver pelo IAPI, grupos de estudantes de arquitetura fazendo seus estudos por ali, pois o contexto histórico que aquela paisagem toda tinha, nem mesmo ela tinha dimensão quando se mudou. Para ela, as casa eram bem construídas, diferentemente das casas populares de hoje, bem dimensionadas, que não eram previstas entradas para carros em muitas delas, e que, se ela pensasse que uma

casa desse nível fosse oferecida para um trabalhador de baixa renda, ela gostaria que continuasse sendo como eram na época que ela morava lá.

Para terminar a entrevista, perguntei novamente “o que o IAPI significa para você?”, agora com a memória mais apurada. O último relato dela foi carregado de emoção:

Eu sempre pensei que é um espaço legal pra constituir uma família e os filhos poderem crescer de uma forma legal. Eu tenho marcas do IAPI muito fortes...Eu congelei algumas coisas da minha memória que foram importantes pra mim. Eu tinha essa vivência do IAPI que eu precisava ter essas coisas pra mim.

A figura 32 mostra o mapa dos elementos formadores da identificação de Carla com a Vila do IAPI, como a sua casa em que morou por 20 anos, o Parque Alim Pedro e o colégio Dom João Becker, onde fez seu ensino médio.

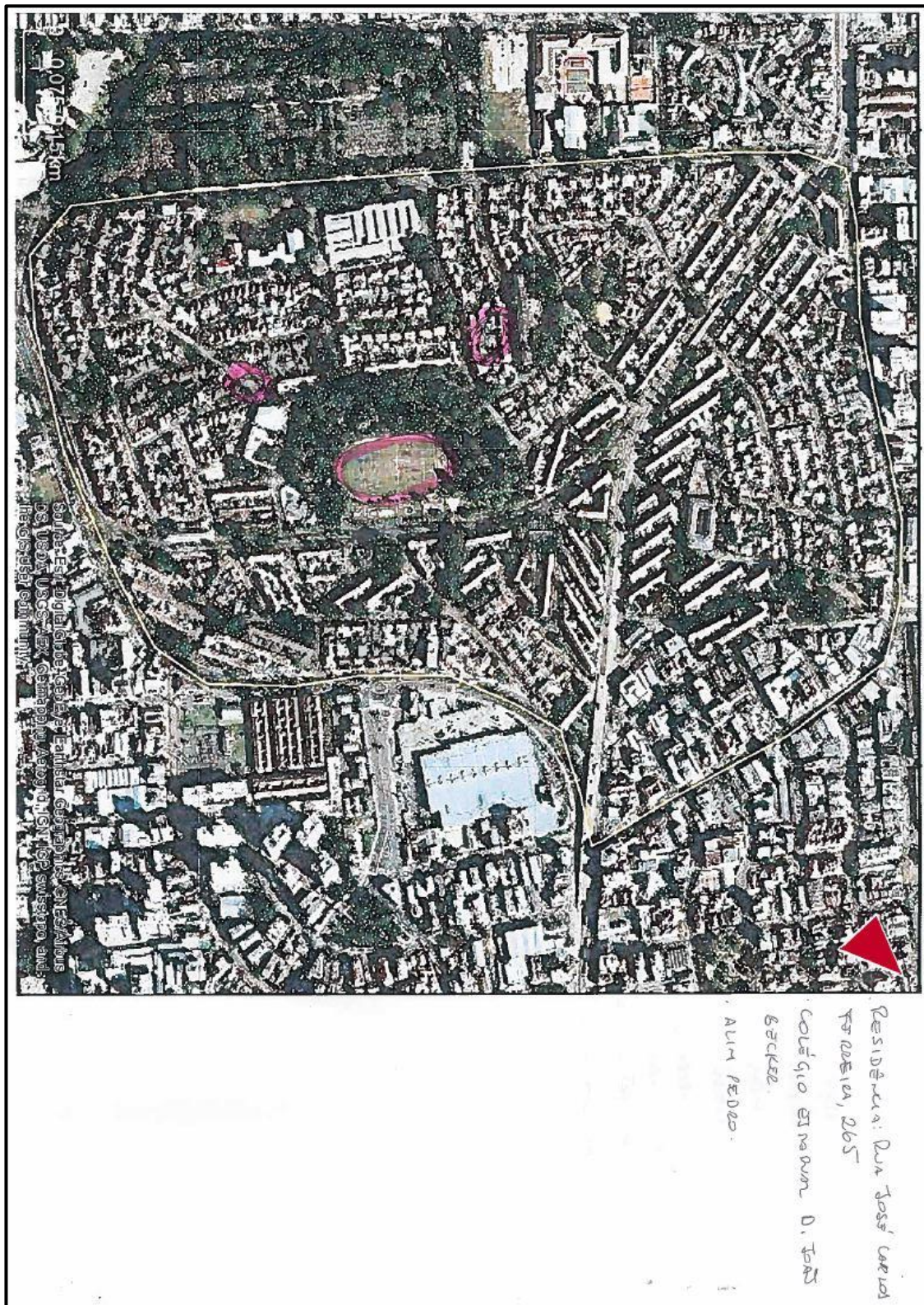


Figura 32 Mapa representativo dos elementos significativos de Carla

5.4 PAISAGENS QUE SE REVELAM PELAS PASSAGENS E CAMINHOS SEGUROS

Guilherme Schirmer Heberle, 29 anos, se mostrou um caso de frequentador do IAPI, e lá representou uma trajetória muito íntima com a Vila ligada principalmente por caminhos e passagens. Aliás, quando foi feita a pergunta “o que o IAPI significa para você?”, essa foi a resposta.

Ele mora desde 1993 no Condomínio Conjunto Residencial 1º de Maio – COORIGHA (Figura 33), na Av. Plínio Brasil Milano, limítrofe à Vila do IAPI. Apesar de não morar nos limites da Vila, Guilherme sempre foi uma pessoa que transitou muito por ali:

Sempre tive ali um caminho, uma passagem. Minha relação sempre foi um caminho do meu dia a dia, porque meu colégio era dentro do IAPI, o Gonçalves Dias. Meu dia a dia era sempre caminhar pelo IAPI, ir e voltar do colégio. Eu não moro no IAPI, mas eu sempre passava todos os dias ali, tanto pra ir pros meus avós, para a SOGIPA¹⁹, sempre ia por dentro do IAPI.



Figura 33 Conjunto Residencial 1º de Maio, limítrofe ao território do IAPI e moradia do Guilherme (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

¹⁹ SOGIPA – Sociedade Ginástica de Porto Alegre

O contexto de sua vida no IAPI se inicia na infância, onde ele estudou no colégio Gonçalves Dias (Figura 34), e aproveitava os finais de semana para jogar bola com seu pai e seus irmãos no Parque Alim Pedro. Além de caminhos e passagens, ele relata que a relação que ele tinha com o IAPI era também muito ligada a escola, onde teve sua formação básica, e também o seu pai ali estudou.



Figura 34 Escola Estadual de Ensino Fundamental Gonçalves Dias (Fonte: Arquivo Pessoal, 2017)

Os seus colegas de escola, a maioria moravam no IAPI, e ele ia até a casa deles para fazer trabalhos, então acabava percorrendo a Vila. A relação de outros espaços de convivência como a padaria, o fez ter um sentido de segurança e comunidade ali dentro.

O cara vivendo aquilo ali, a comunidade te conhecendo, de certa forma se sente seguro. É um lugar em que eu me sinto confortável. Nunca tive medo de caminhar de noite. Na adolescência sempre cruzei por ali de noite, numa boa, nunca tive problema nenhum. Mas é mais de tu fazer parte da comunidade, as pessoas te conhecerem ali e saberem que tu é dali.

Esse sentimento de pertencer aquele lugar sempre esteve presente na sua rotina, a medida que percebia que por causa das pessoas se conhecerem, isso dava um ambiente mais familiar e mais seguro.

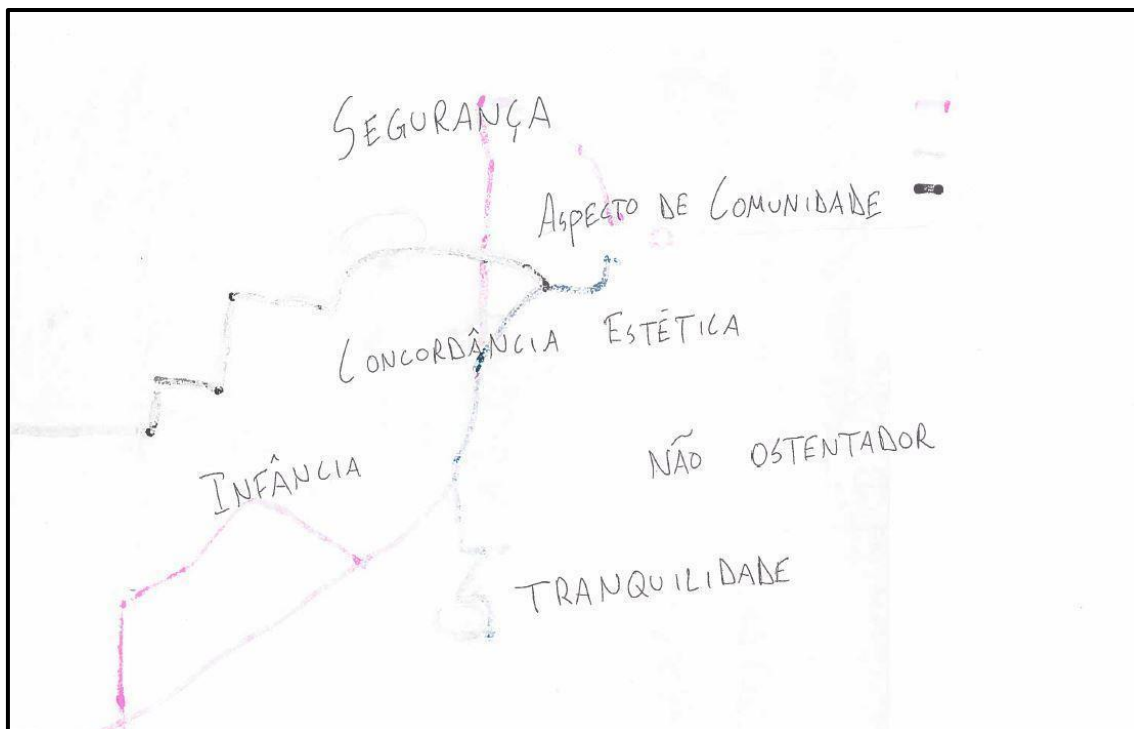


Figura 35 Descrição do que o IAPI significa para Guilherme

A figura 35 mostra os esquemas de representação da percepção da paisagem para o entrevistado, e como ele descreve que sejam os signos importantes da mesma paisagem.

Ele passa em sua entrevista uma percepção sobre a paisagem do IAPI, porque para ele era nítido que aquele lugar ali era o IAPI. Bastava ele sair de casa e atravessar a rua para perceber aquela estrutura diferente, os padrões arquitetônicos das casas todas as características. Ele sabia que se tratava do IAPI.

(Da frente de casa) tu via a fachada que tu já enxerga o que já é o IAPI, uma arquitetura característica seguindo o mesmo padrão.

Ele também conta que no tempo que ali está, na notou nenhuma mudança significativa no IAPI, apenas algumas melhorias nos aparelhos de lazer, principalmente no Parque Alim Pedro, o qual ele aponta na figura 36 como um dos elementos que tem um significado especial para ele, dentre outros que fazem parte da sua identidade dentro do IAPI.

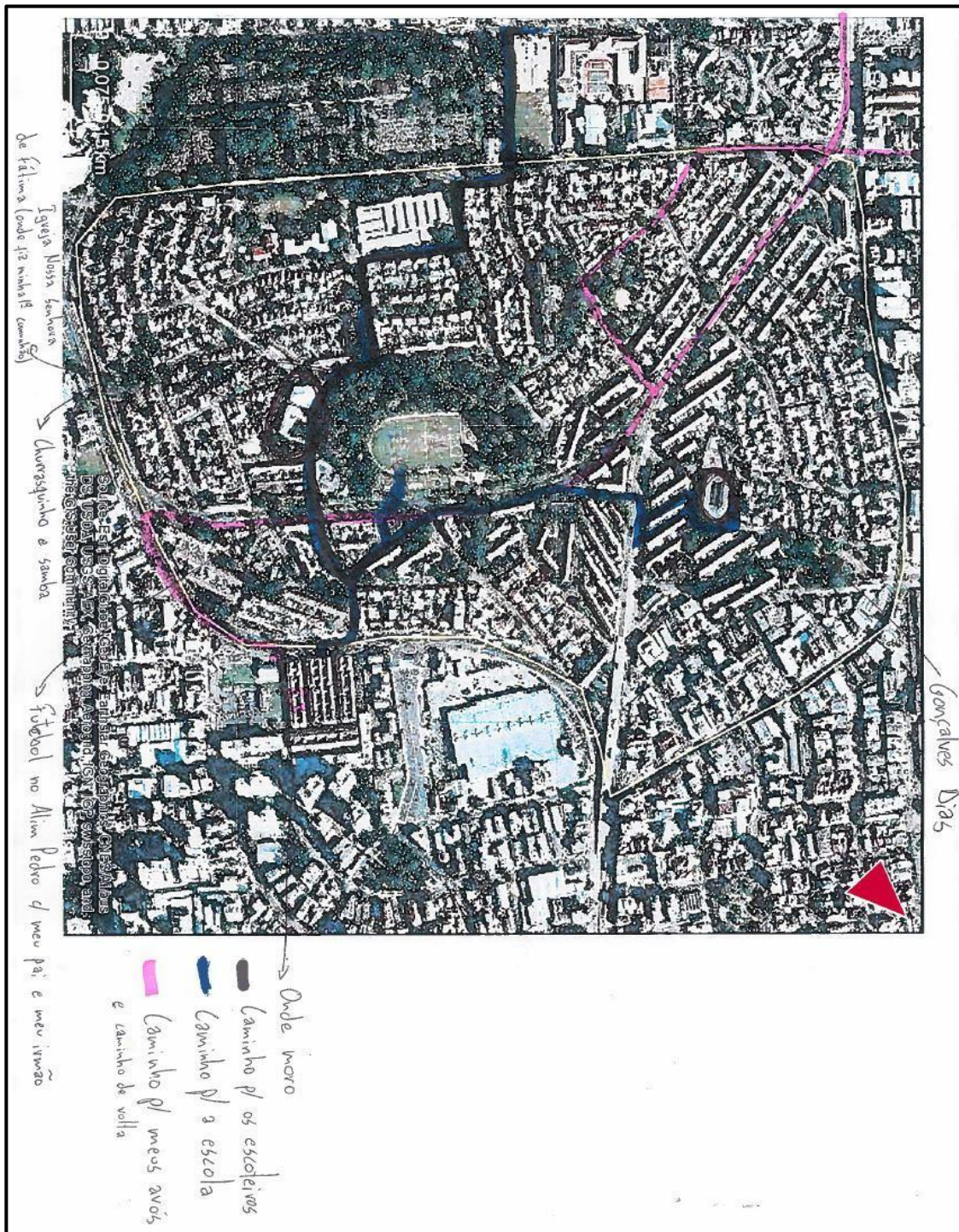


Figura 36 Mapa representativo dos elementos significativos de Guilherme

5.5 MARCAS E MATRIZES NA PAISAGEM

Após as etapas metodológicas empíricas terem sido aplicadas, foi feita a reunião de todas as informações dos elementos apontados pelos entrevistados (as), e o resultado foi um mapa síntese, georeferenciado, que compreendeu o objetivo de identificar elementos relacionados à história e memória dos (as) entrevistados (as) em relação à sua trajetória na Vila do IAPI; foram pautados temas como moradia, lazer, estética do bairro, modificação na paisagem, caminhos e outros, subjetivos, que de alguma maneira auxiliaram a compor a sua pertença com a Vila do IAPI, retratados pelas suas memórias, transformando a Vila. A marca da Vila do IAPI, definida pelo seu traçado urbano, se constitui em matriz à medida que seus moradores apropriaram-se espacialmente e vivenciaram a paisagem projetada. Seus jardins, seus parques, suas ruas, suas instalações urbanas vão criando contornos e ganham novos significados a partir dessa apropriação. O mapa “Memórias e Identidades da Vila do IAPI” da figura 37 representa a síntese dessas transformações vivenciadas pelos (as) entrevistados (as), além de representar elementos que são significativos na das suas identidades com a Vila.

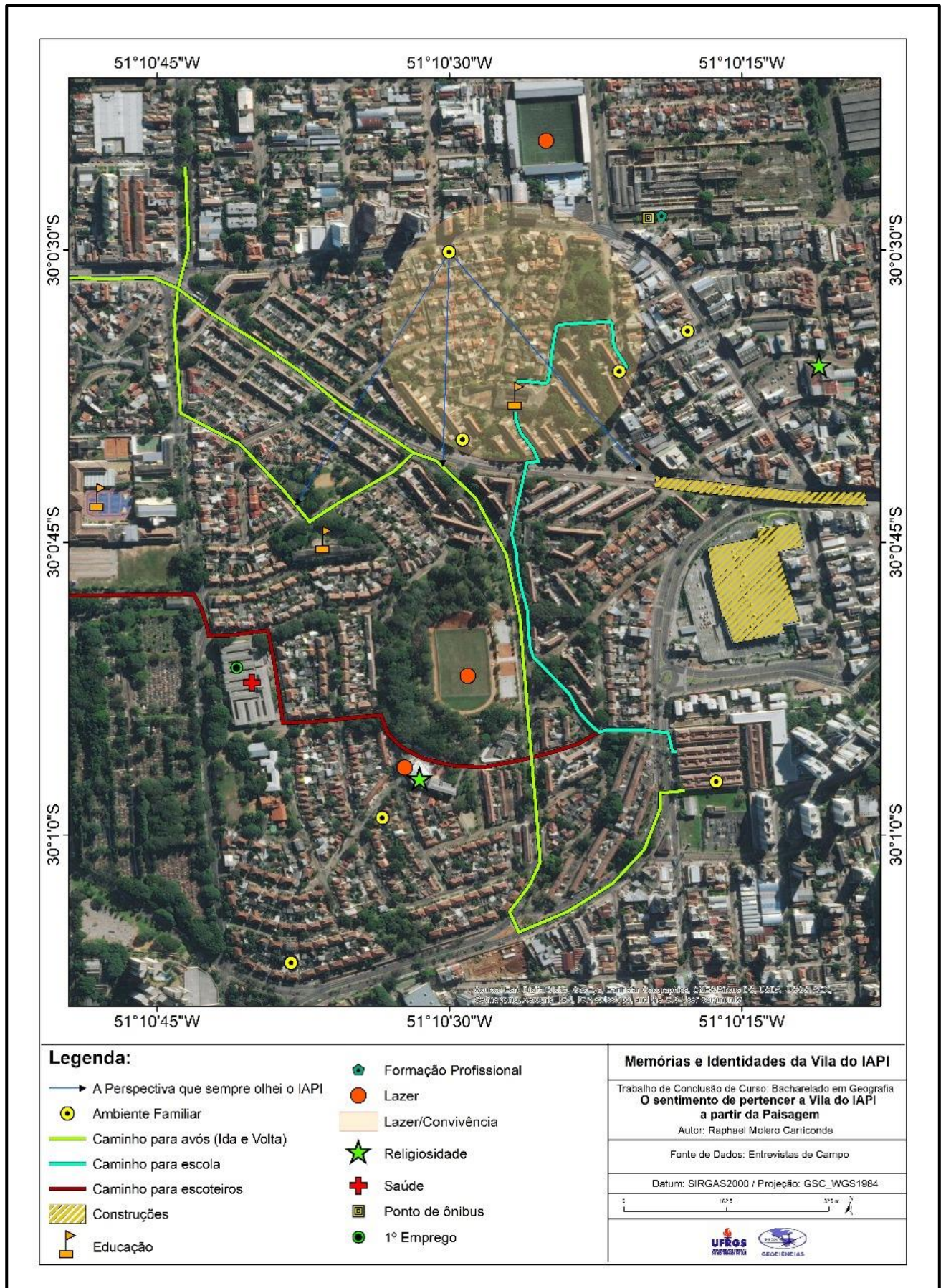


Figura 37 Mapa “Memórias e Identidades da Vila do IAPI” com as informações dos entrevistados sintetizadas

As estruturas se articulam com os aspectos subjetivos, e a marca/matriz participam dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, que foram descritos pelos entrevistados (as) no capítulo anterior.

Relacionando essas marcas/matrizes na paisagem às informações coletadas dos (as) entrevistados (as), temos como exemplo a Escola Gonçalves Dias, que é *marca* dentro do plano urbano da Vila e também é *matriz* à medida que seu uso foi destinado para a formação escolar, relações sociais e atendimento médico e odontológico que era realizado na própria escola. As estruturas de habitação do IAPI são uma *marca* característica na Vila pela padronização que o projeto previu, e também é *matriz* pelo fato de que esses espaços exercem a função de convivência entre vizinhos, familiares e também há relação das famílias com a natureza e áreas verdes que algumas moradias ofereciam. A percepção que alguns entrevistados (as) tiveram sobre o IAPI parecer uma cidade do interior, revela essa *paisagem matriz* que aparece nas casas. O Viaduto Obirici e a sua construção, que modificou aquela paisagem, é *marca* pelo aspecto urbanístico e também *matriz* porque era onde as crianças usavam para brincar, em meio às estruturas que mais tarde serviriam como eixo viário da cidade. A vala de esgoto, o chamado “valão”, é *marca* dentro do projeto urbano do IAPI, e também *matriz* pelo seu uso para saneamento básico, e onde as crianças também utilizavam para as brincadeiras e diversão.

O Parque Alim Pedro representa uma *marca* nessa paisagem pela sua infraestrutura de lazer já planejada desde a origem do projeto de construção, mas ao mesmo tempo é *matriz* à medida que participa dos processos de sociabilidade entre os frequentadores, além de ter um uso peculiar na sua área verde, que é a plantação de mudas de árvores por familiares de ex-moradores que tiveram suas cinzas jogadas ali. O parque participa também como um local de memória para essas pessoas.

As passagens e vias dentro do IAPI são outras *marcas* que fazem parte do plano de urbanização da Vila, e participam dos esquemas de concepção da paisagem como *matriz* através de caminhos seguros, inclusive à pé, que levam para outras partes da cidade, como bairros vizinhos, escola e lazer. Também o ambiente familiar e de comunidade que a Vila passa para as pessoas que ali transitam, reforça os/as entrevistados/as a questão de se sentirem seguros nos seus caminhos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema desta pesquisa referiu-se à questão sobre identidade x paisagem, presente nas discussões da Geografia Cultural. O objetivo principal da pesquisa foi discutir como o projeto de habitação da Vila do IAPI ajudou a construir o sentido de pertencimento daquele espaço através da análise da paisagem como recorte espacial. Os elementos que auxiliaram a constituir esse sentimento foram teoricamente relacionados aos conceitos trazidos por Augustin Berque, onde ele admite que a paisagem seja uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas ao mesmo tempo é *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura, que canalizam a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e por infinitos laços de co-determinação.

Nas diferentes percepções da paisagem, ela antes de tudo é sentida e percebida, seja do ponto de vista histórico ou cultural, se transformando a priori em um lugar social que foi vivido. A paisagem é plurimodal, assim como é o sujeito para o qual a paisagem existe (Berque, 1998, p. 86).

O desenvolvimento dessa pesquisa possibilitou que fosse entendido um pouco da reflexão sobre pertencimento, memória e cultura que a comunidade do IAPI, objeto em questão, criou com o ambiente ao qual participa construindo suas relações sociais e traçando uma pequena amostra de como os elementos que foram trazidos através dos relatos e representações dos entrevistados (as) criaram essa afetividade com o lugar.

A pergunta norteadora dessa pesquisa me fez pensar sobre: O QUE A VILA DO IAPI SIGNIFICA PRA MIM? Ao me referir ao significado de um espaço que pode ser chamado de “meu”, decidi assim replicar essa questão para pessoas que lá tiveram sua trajetória ligada direta e indiretamente com a Vila, trazendo uma possibilidade clara de que a mudança da paisagem daquele lugar trazia um sentido de pertença, significação e afetividade. A percepção positiva que pude ter de que a teoria estava se conectando as etapas empíricas, foi quando em diversas vezes os entrevistados me relatavam ter muito orgulho de dizer que eram do IAPI, um sentimento muito apegado a Vila.

A construção do Conjunto Residencial Passo D´Areia, a Vila dos Industriários, foi um marco na estrutura de habitação da cidade de Porto Alegre, em um contexto de industrialização crescente no país, trazendo uma massa de trabalhadores das áreas rurais, com dificuldades de competir com a mecanização crescente das lavouras e com poucas oportunidade de emprego, para trabalhar nas indústrias que se instalavam nos centros urbanos. As cidades à época não estavam preparadas para essa demanda que a

industrialização absorvia e as estruturas que existiam não davam conta de dar suporte a todos os serviços que eram necessários para atender à população.

Saúde, educação, lazer e moradia eram os principais requisitos que esses projetos de habitação trazidos para Porto Alegre pelo IAPI ofereciam para o desenvolvimento das famílias beneficiadas.

O contexto de urbanização desenfreada trouxe a necessidade de adaptação demográfica para as cidades, fazendo com que a população, a partir da sua conjuntura operária, começasse a se identificar como “sujeitos sociológicos”, ou seja, aqueles que se formam através da relação com outros sujeitos.

Quanto ao tema das relações sociais, pude reconhecer nos entrevistados (as), que contaram suas memórias com o IAPI e na sua grande maioria relataram que, a sua identificação se deu através dos ambientes escolares e relações comunitárias que tinham nas dependências das estruturas criadas pelo projeto de habitação.

Ao que tange falar sobre essas relações por uma visão multidisciplinar, Serge Moscovici é citado neste trabalho no momento que trata da construção dessas relações dentro da psicologia social, na Teoria das Relações Sociais, onde reflete que um determinado grupo de pessoas se conecta a partir das características pelas quais elas se inserem em um mesmo grupo social, e que não existem mentes livres de fatores condicionantes, o que possibilitou inclusive, perceber que a relação de pertencimento dos entrevistados está ligada principalmente à casa e à família, ou seja, seguindo aquela ideia de paisagem *marca* e *matriz*, onde existe a marca civilizatória e uma matriz social transformando aquela paisagem, tudo isso se interligando a partir da identificação desses elementos comuns sociais, como a escola, o parque, os caminhos, etc.

Outro elemento teórico trazido para embasar o assunto relativo às constituições da sociedade do IAPI é o conceito de cultura da antropologia do inglês Edward Tylor. Nessa conceituação, ele explica que a cultura seria um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de determinada sociedade. Esses hábitos adquiridos se referem exatamente às experiências vividas pela comunidade na paisagem geográfica em constante modificação.

Nesse apanhado de informações que foram coletadas, estudadas e analisadas, o curso de Geografia me trouxe a possibilidade de trabalhar um assunto de grande afinidade, do meu cotidiano, e me que me instiga conhecer mais, e dentro do meu

percurso acadêmico pude perceber que esses anseios por esse tipo de conhecimento iam sendo solucionados.

Sendo assim, eu também pude fazer um breve exercício de resgate da minha própria memória com o objeto, assim como foi metodologicamente aplicado no público alvo, o que justifica a realização deste trabalho de conclusão cujo tema é tão afetivo e significativo para mim de maneira bastante sentimental. A infância na casa da minha avó, onde passava boa parte dos meus finais de semana, os jogos de futebol nas quadras do Parque Alim Pedro, a diversão que era correr pelas ruas e vielas do IAPI brincando com meus primos, e toda a tranquilidade de poder ir e voltar para casa nos caminhos existentes na Vila, foi trazido à tona pela minha memória afetiva de uma história com muitos sentidos subjetivos naquela paisagem tão familiar. Tudo isso que possivelmente passou pela cabeça daqueles que descreveram suas trajetórias nos seus mapas conceituais, e apontando os elementos que mais lhe davam significação na imagem delimitada do IAPI, eu também pude observar e absorver um pouco de tudo isso que é pertencer à Vila do IAPI.

7 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Letícia Maria. **As relações topofílicas na Vila do IAPI em Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008

CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Castro, Iná Elias de. Gomes, Paulo César da Costa. **Geografia: conceitos e temas**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CLAVAL, Paul. “**A volta do Cultural**” na **Geografia**. Mercator, vol. 1, ano 01,2002. Disponível em <www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/192/158> acessado em 17/08/2016

DUARTE, Rosália. **Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa. nº 115. São Paulo – SP. 2002.

FAYET, Carlos Maximiliano. & Equipe. **Vila do IAPI: Patrimônio cultural da cidade**. Secretaria do Planejamento Municipal: Porto Alegre, 1995.

FLICK, Uwe. **A pesquisa qualitativa: relevância, história, aspectos**. In: FLICK, Uwe. Tradução: NETZ, Sandra. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 17-29.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Zahar. Rio de Janeiro, 1973.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-Jardins de Amanhã**. São Paulo: Hucitec, 2002.

KOZEL, Salette. **Mapas mentais – uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas** in: KOZEL S. et al (org): **Da percepção e cognição à representação**. São Paulo. Terceira Margem, 2007. p.114-138

LAPOLLI, André. **Como destruir um patrimônio cultural urbano: A Vila do IAPI, “Crônica de uma morte anunciada”!**. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura - Departamento de Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Zahar. Rio de Janeiro, 1986.

LEME, Maria Cristina da Silva (coord.). **Urbanismo no Brasil 1895 – 1965**. São Paulo: Studio Nobel, FAUUSP, FUPAM, 1999.

MAXIMIANO, Liz Abad. CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, [S.l.], v. 8, dez. 2004

MELO, V. **Paisagem e simbolismo**. In **Paisagem, imaginário e espaço**. ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 8 ed. – Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. **Paisagem: síntese das heranças da relação da sociedade com o espaço** - volume 9 - D22 - UNESP/UNIVESP - 1a edição, 2012 graduação em Pedagogia. p. 51-59

PIRES, Cláudia Luisa Zeferino., HEINDRICH, Álvaro Luiz., COSTA, Benhur Pinós da. (org.). **Maneiras de ler : geografia e cultura** – Porto Alegre : Imprensa Livre : Compasso Lugar Cultura, 2013.

PMPA. **Vila do IAPI - Orientações para sua conservação**. Porto Alegre: SMC, 2015.

PMPA. **Memória dos Bairros: A Vila do IAPI**. Porto Alegre: SMC, 1991.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997

RISSO, Luciene Cristina. **PAISAGENS E CULTURA: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica** – Revista Espaço e Cultura, UERJ, RJ, N. 23, P. 67-76, JAN./JUN, 2008.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Cleusa Terezinha Azambujada., MELLO, Cristina Didonet Nery Tavares da Cunha, LEAL, Laura Regina do Canto. **A VILA DO IAPI NO CONTEXTO DE URBANIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO**. Revista Historiador. Número 02. Ano 02. Dezembro de 2009. Disponível em <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/doi/cleusa.pdf>> acessado em 21/12/2017

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SOUZA, Célia Ferraz de. & MÜLLER, Dóris Maria, **Porto Alegre e sua Evolução Urbana** – Ed.Universidade: Porto Alegre, 1997

SOUZA, Amanda Cristina Bahi. **Morar e viver nas ilhas do Delta do Jacuí - Arquipélago de representações sociais em Porto Alegre-RS**. Dissertação de Mestrado - Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço Geográfico uno e múltiplo in SUERTEGARAY, D. M. A., BASSO, L. A. e VERDUM, R. (org.). **Ambiente e lugar no urbano/A grande Porto Alegre**. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2000

TUAN, Yu-Fu. **Topofilia. Um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: DIFEL, 1980.

VITRUVIUS. **Complexo Cultural do Porto Seco.** Revista Eletrônica. Ano 10. Dezembro 2010. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/10.120/3718> acessado em 26/12/2017

ZUKIN, Sharon. **Paisagens Urbanas Pós-Modernas: Mapeando Cultura e Poder.** In Arantes, Antônio Augusto (org.). O espaço da diferença. Campinas, Papyrus, 2000. pp 80-103.